



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

**ANTROPOLOGIA -
DIVERSIDADE CULTURAL LATINO-AMERICANA**

**MOSTEIRO URBANO ZEN BUDISTA THERIGATHA E SUAS
MANEIRAS DE EXPRESSAR O ZEN NA CIDADE DE SÃO PAULO**

BIANCA CANALI DA SILVA

Foz do Iguaçu

2023



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

**ANTROPOLOGIA -
DIVERSIDADE CULTURAL LATINO-AMERICANA**

**MOSTEIRO URBANO ZEN BUDISTA THERIGATHA E SUAS
MANEIRAS DE EXPRESSAR O ZEN NA CIDADE DE SÃO PAULO**

BIANCA CANALI DA SILVA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Antropologia – Diversidade Cultural Latino-Americana.

Foz do Iguaçu

2023

**MOSTEIRO URBANO ZEN BUDISTA THERIGATHA E SUAS
MANEIRAS DE EXPRESSAR O ZEN NA CIDADE DE SÃO PAULO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Antropologia – Diversidade Cultural Latino-Americana.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Antonio de la Peña Garcia
UNILA

Prof. Dr. José Ignacio Monteagudo Robledo
UNILA

Prof. Dr. Marcelo Ricardo Villena
UNILA

Foz do Iguaçu, _____ 2023

Dedico este trabalho ao pôr do sol que vejo da minha janela neste momento. Com seus raios, me aquece neste dia frio na primavera de Foz do Iguaçu e por estar aqui todos os dias, há muitos anos, eu podendo vê-lo ou não, me faz acreditar no amanhã... Trazendo a inspiração e curiosidade de onde irei chegar e o que vou realizar nesses poucos anos da minha existência, já que um dos sentidos da vida, para quem pode e quer, é transformar aquilo que não cabe mais e que não faz mais sentido nas nossas vidas, em novas sementes para a terra/Terra/vida/pessoas.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a um ser humano especial, Yarú, que não faz ideia do quanto me ajudou, apresentando o Mosteiro Urbano Zen Budista Therigatha em uma época muito difícil, não somente para mim mas para todo o mundo, no início da pandemia do coronavírus no começo de 2020. Quando todas as certezas caíram por água abaixo e todos os medos afloram do fundo do peito de cada corpo neste planeta, sem saber o dia de amanhã. Sendo naquele momento o meu primeiro contato com a comunidade budista.

Agradeço com muito carinho minha avó Virginia, não que Dona Armelinda e Seu Trajano, não foram importantes mas quando estava em São Paulo na época em que fui aceita na UNILA, cuidava da minha avó Virgínia que teve seus primeiros sintomas de alzheimer e precisou de alguém para ficar com ela e no meio de muito medo sobre qual decisão tomar, ela só conseguiu me incentivar, dizendo que eu deveria ir e não perder a oportunidade, pois que se ela pudesse teria sido advogada para defender os direitos do povo. Sendo assim, sinto que pude quebrar uma corrente da linhagem das mulheres da minha família de medo, submissão e arrependimentos, por ter conseguido enfrentar o que me paralisava e vir para Foz do Iguaçu. Mesmo com dúvidas naquela época, hoje sei que foi uma das melhores decisões que tomei na minha vida.

Sou grata a minha família que acreditou em mim, depois de épocas sinistras, para não dizer outra coisa, onde percorri caminhos que não me levariam onde estou agora, finalizando minha primeira graduação. E mesmo com medo de me perder em outros caminhos da vida outra vez, em outro Estado do país, tive a oportunidade de me encontrar na distância de pessoas amadas e na necessidade de crescer em diversos aspectos da vida e permitir que uma nova Bianca se apresentasse para o mundo, buscando realizar seus sonhos, como este agora, de estudar em uma universidade federal do Brasil e podendo fluir com as águas que brotam de todos os cantos dessa cidade.

Agradeço a toda a comunidade Zen Budista Therigatha, pelo acolhimento desde o primeiro contato, cuidado, risos, choros e ensinamentos compartilhados. A todas as pessoas que participaram como "entrevistadas" e não somente. Pois diante

de tantas buscas internas durante a minha pequena grande vida, posso dizer neste momento, compreendendo que tudo pode mudar mas que agora encontrei meu lugar de refúgio. E escrever este trabalho, nada mais é do que poder registrar o que nunca pude colocar em palavras, por isso, meu profundo agradecimento por me mostrarem o caminho de práticas budistas, de força coletiva e fé naquilo que é necessário para tentarmos ser seres humanos, mais humanos.

Por fim, agradeço a todas as pessoas que cruzaram meu caminho até hoje, pois na alegria e na dor de ser quem eu sou, junto a experiências diversas, cheguei até aqui através de muita ajuda, amores, desafetos, alegrias e tristezas, que fazem parte da vida.

Vida longa à Universidade Federal da Integração Latino-Americana, que me mostrou diversos mundos nos corredores, comidas, professores e bailes latinos. Que sim, não é perfeita mas que possa seguir crescendo pró aqueles que a habitam, e que a constroem diariamente e diretamente diante da realidade estudantil no Brasil e seus desafios.

“A gente tá sempre nesse “se cuidando”, sabe?
de achar alternativas para continuar.”

Monja Wahô

“Que os méritos de nossa prática se estendam a todos os seres e que
possamos todos e todas nos tornar, o caminho iluminado.

Mãos em prece!”

Dedicatória Universal - Fu-Ekô

DA SILVA, Bianca Canali. Mosteiro urbano zen budista Therigatha e suas maneiras de expressar o zen na cidade de São Paulo. 2022. 79 páginas. Trabalho de Conclusão de curso (Graduação em Antropologia e Diversidade Cultural Latino-Americana) - Universidade Federal da Integração Latino-Americana.

RESUMO

Este trabalho tem como foco o estudo de um mosteiro urbano zen budista, conhecido como Therigatha, na cidade de São Paulo, coordenado por uma Monja, Wahô sensei, junto aos praticantes da comunidade, a sanga. Onde pessoas comuns que se interessam pela experiência de praticar o zen, interagem socialmente unindo forças para estudarem o budismo e aprenderem sobre o autoconhecimento que a religião proporciona. Sendo portanto o objetivo desta pesquisa, investigar por que os praticantes reúnem-se com propósitos em comum, no caso o budismo e as práticas sociais ali realizadas, e para quê, na cidade de São Paulo? Analisando se é um local importante para as pessoas que o frequentam e o quanto isso lhes afetam e se pode ser considerado um espaço que resiste à vida urbana de consumo e pressões psíquicas constantes em meio a uma grande cidade. Promovendo ações e atos sociais junto ao compromisso da religião, de ajudar o maior número de seres diante dos desafios socioculturais que São Paulo enfrenta. Com as saídas de campo e a convivência junto a comunidade, foi possível comprovar através de relatos dos praticantes, que a Therigatha é referência para aqueles que o conhecem como um refúgio no meio da metrópole e mesmo que a cidade esteja a todo vapor, é possível encontrar paz e pessoas nas quais criam vínculos através do budismo, mas não somente, mas por também compartilharem da vida em comunidade produzindo em si uma atmosfera tranquila em meio a grande movimentação externa que existe em uma capital e que trabalham para fazer a diferença desde a investigação profunda de si mesmo, até a realização de pequenas mudanças referentes ao modo de vida da sociedade paulista.

palavras chave: mosteiro urbano zen; refúgio; resistência; zazen.

DA SILVA, Bianca Canali. Mosteiro urbano zen budista Therigatha e suas maneiras de expressar o zen na cidade de São Paulo. 2022. 79 páginas. Trabalho de Conclusão de curso (Graduação em Antropologia e Diversidade Cultural Latino-Americana) - Universidade Federal da Integração Latino-Americana.

RESUMEN

Este trabajo se centra en el estudio de un monasterio budista zen urbano, conocido como Therigatha, en la ciudad de São Paulo, coordinado por una monja, Wahô sensei, junto con practicantes comunitarios, la sangha. Donde la gente común que está interesada en la experiencia de practicar Zen, interactúa socialmente uniendo fuerzas para estudiar el budismo y aprender sobre el autoconocimiento que proporciona la religión. Por lo tanto, el objetivo de esta investigación es investigar por qué los practicantes se reúnen para fines comunes, en este caso el budismo y las prácticas sociales realizadas allí, y con qué propósito, en la ciudad de São Paulo. Analizando si es un lugar importante para las personas que lo frecuentan y cuánto les afecta y si puede ser considerado un espacio que resiste la vida urbana de consumo y constantes presiones psíquicas en medio de una gran ciudad. Promover acciones y actos sociales junto con el compromiso de la religión, para ayudar al mayor número de seres frente a los desafíos socioculturales que enfrenta São Paulo. Con recorridos de campo y convivencia con la comunidad se pudo comprobar, a través de relatos de practicantes, que Therigatha es un referente para quienes la conocen como un refugio en medio de la metrópoli y aunque la ciudad está en pleno apogeo, es posible encontrar paz y personas en las que se creen vínculos a través del budismo, pero no sólo, sino también por compartir la vida en comunidad, produciendo en sí mismos un ambiente de tranquilidad en medio del gran movimiento externo que existe en una capital y que trabajan para marcar la diferencia desde el principio: investigación profunda de sí mismo, hasta la realización de pequeños cambios relacionados con el modo de vida de la sociedad paulista.

palabras clave: monasterio urbano zen; refugio; resistencia; zazen.

DA SILVA, Bianca Canali. Mosteiro urbano zen budista Therigatha e suas maneiras de expressar o zen na cidade de São Paulo. 2022. 79 páginas. Trabalho de Conclusão de curso (Graduação em Antropologia e Diversidade Cultural Latino-Americana) - Universidade Federal da Integração Latino-Americana.

ABSTRACT

This work focuses on the study of an urban Zen Buddhist monastery, known as Therigatha, in the city of São Paulo, coordinated by a nun, Wahô sensei, along with community practitioners, the sanga. Where ordinary people who are interested in the experience of practicing Zen, interact socially by joining forces to study Buddhism and learn about the self-knowledge that religion provides. Therefore, the objective of this research is to investigate why practitioners gather for common purposes, in this case Buddhism and the social practices carried out there, and for what purpose, in the city of São Paulo? Analyzing if it is an important place for the people who frequent it and how much it affects them and if it can be considered a space that resists the urban life of consumption and constant psychic pressures in the middle of a big city. Promoting actions and social acts along with the commitment of religion, to help the greatest number of beings in the face of the socio-cultural challenges that São Paulo faces. With field trips and coexistence with the community, it was possible to prove, through reports from practitioners, that Therigatha is a reference for those who know it as a refuge in the middle of the metropolis and even if the city is in full swing, it is possible finding peace and people in which they create bonds through Buddhism, but not only, but also for sharing life in the community, producing in themselves a calm atmosphere in the midst of the great external movement that exists in a capital and who work to make a difference from the beginning. deep investigation of himself, to the realization of small changes related to the way of life of São Paulo society.

keywords: zen urban monastery; refuge; resistance; zazen.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Fachada do mosteiro urbano zen Therigatha.....	32
Imagem 2 - Praticantes da sanga Therigatha praticando kinhin, a meditação caminhando, em um dia de retiro na comunidade.....	34
Imagem 3 - Ponto vermelho no centro da imagem, indica a localização do mosteiro urbano zen Therigatha.....	36
Imagem 4 - Sala de entrada, no primeiro andar no mosteiro urbano zen Therigatha.....	38
Imagem 5 - Sala de meditação do mosteiro urbano zen Therigatha.....	41
Imagem 6 - Therigatha, conhecida também como, montanha mulheres do caminho, uma possível tradução.....	46
Imagem 7 - Preparação dos pães artesanais no mosteiro urbano zen.....	47
Imagem 8 - Praticantes da sanga Therigatha preparando Yakissoba no fim de semana da reabertura oficial do mosteiro pós pandemia.....	49

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 BUDISMO: SURGIMENTO E CONTEXTO HISTÓRICO NO BRASIL	22
2.1 A CHEGADA DO BUDISMO NO BRASIL	26
2.2 MOSTEIRO URBANO ZEN THERIGATHA EM SÃO PAULO	29
2.3 THERIGATHA	45
3 IMPORTÂNCIA DO MOSTEIRO PARA AS PESSOAS E PARA SÃO PAULO	51
4 MOSTEIRO URBANO ZEN BUDISTA E SUAS MANEIRAS DE RESISTIR AOS SISTEMAS	61
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	68
REFERÊNCIAS	73
APÊNDICE A - ENTREVISTA PRÉ-ESTRUTURADA	75

1 INTRODUÇÃO

O que é religião? É o batismo numa igreja cristã. É a adoração num templo budista. São os judeus com o rolo da Torá diante do Muro das Lamentações em Jerusalém. São os peregrinos reunindo-se diante da Caaba em Meca.

Em seguida podemos perguntar: será que essas atividades têm alguma coisa em comum? Será que seus participantes compartilham algum sentimento semelhante a respeito do que fazem?

E por que fazem o que fazem? O que isso significa para eles? E como afeta a sociedade em que vivem? (GAARDER; HELLERN; NOTAKER, 2000, p. 12).

Início minha escrita introdutória contando um fato que ocorreu comigo quando criança. Eu deveria ter uns cinco anos e estava dentro de um transporte público indo para algum destino desconhecido com a minha mãe. Estava sentada em um dos bancos elevados do ônibus, olhei para o lado e vi uma pessoa comum, não havia nada que me chamasse a atenção, apenas o fato de olhar para ela e tentar compreender porque eu não poderia ser aquele mesmo corpo também? Não poderia viver como ela? Ou ver o que ela via? Mas o que era isso que tinha dentro dela e que tinha dentro de mim também? Que mesmo tentando, não conseguia dar nome, tão pouco, compreender o que seria essa diferença, essa coisa que habitava aquela pessoa e a mim também.

Porque conto isso? Pois diante de tantas vivências que tive e experimentei na vida, as religiões sempre foram alvo da minha curiosidade, interesse, dúvidas e até certo ponto medo. Lembro que ao viver boa parte da minha vida com as minhas avós, ia com uma delas, Dona Virgínia até a casa de uma amiga próxima e enquanto eu brincava com um amiguinho da mesma idade, ela cuidava dessa amiga que após muitos anos eu soube que tinha câncer e o que minha vó ia fazer em sua casa, era cuidar dela de maneira alternativa, além de todos os outros processos hospitalares. Minha avó aplicava Reiki¹ em sua amiga para amenizar os outros sintomas. Mas onde quero chegar? Não sei se eu escolhi o tema do Mosteiro Urbano Zen Budista Therigatha ou ele me escolheu, mas o que eu posso dizer é que tentarei colocar em

¹ “Segundo praticantes, é uma técnica de canalização da energia universal repassada através do toque e da imposição das mãos. O significado é Energia Vital (Ki), direcionada e potencializada pela Energia Universal (Rei)” (REIKI, [20--], p. 1).

palavras, coisas que não consigo desde criança e depois de muitos anos, tirando um pouco da “magia” e mistério que um dia acreditei e adicionei a essas práticas religiosas, venho tentar trazer o que vivo/escuto/acompanho com essas pessoas e neste lugar junto às práticas budistas. Aproximando o olhar para esta comunidade, para tirarmos o misticismo das práticas budistas que nada mais são do que a própria vida e suas experiências ricas de aprendizados, essa é a própria magia a qual me referi acima, por isso já dizia Charlotte Joko Beck:

Vivendo a partir do que somos, saímos de uma vida centrada em nós para uma vida centrada na realidade. Abandonando os pensamentos mágicos, despertando para a mágica do momento atual, damos conta da graça do nada de especial... o zen vivido (BECK, 1994, p. 4).

E nessa oportunidade de anular o misticismo como já citado acima, mostrando que não há nada de especial para buscar além do nosso próprio bem estar a partir do autoconhecimento refletindo na vida de todos que possam entrar em contato com quem pratica ou com a própria prática da meditação, caso queira conhecer o mosteiro. Sendo assim, apresento o problema de pesquisa que terá o intuito de discorrer se o Mosteiro Urbano Zen Therigatha é um espaço importante para São Paulo e para as pessoas que o frequentam e convivem em comunidade? Ele pode ser considerado um local que resiste à vida urbana de consumo e pressões psíquicas constantes em meio a uma grande cidade metropolitana?

Coordenado por uma monja que promove ações e atos sociais envolvendo o mosteiro e o compromisso com a religião, de compartilhar o que lhe foi ensinado no budismo, sendo assim um canal de transmissão para aqueles que se aproximam, com um toque diferenciado por ser uma mulher em um ambiente/religião predominantemente masculino. E pelas atividades que ali são realizadas no mosteiro visando a sociedade, buscando maneiras de integrar e incluir, podendo assim compartilhar com o maior número de seres os ensinamentos budistas.

Por isso, para compreender a ideia de resistir às pressões da vida urbana utilizo primordialmente a definição de Adalberto Silva Santos que diz, “resistir é, ao mesmo tempo, o resultado da ação de opor-se a algo, mas, também, o conjunto de estratégias utilizadas para defender uma posição, um lugar ou um conjunto de práticas culturais.” (SANTOS, 2008, P. 5) E pertencer a este espaço, buscando uma

identificação no mosteiro urbano zen que é um local comum de práticas budistas que não somente implicam no sentar em meditação, mas também em compreender que a vida é mais do que consumir a própria vida da Terra, que são os recursos naturais que geram a obra prima para tudo que está ao nosso redor. Por outro lado, é possível ver a vida de outro ângulo e analisar dentro de si, com a prática de autoconhecimento, maneiras de viver sem a necessidade do automatismo que influencia na realização dos afazeres sem consciência do que está sendo executado e que as grandes cidades impõe devido a necessidade do movimento e da socialização, pelo simples fato de serem espaços comuns de consumo de todas as esferas, como as tendências da moda, a cultura, a gastronomia, dentre outras formas de consumismo. Por isso,

Se é possível afirmar o funcionamento de uma 'lógica do capital' derivada da produção, talvez seja possível afirmar também uma 'lógica do consumo', que aponta para os modos socialmente estruturados de usar bens para demarcar relações sociais. (FEATHERSTONE, 1995 apud LEITE, 2005, p. 81)

Sendo assim, há uma necessidade humana natural de se relacionar e consumir, mas as pessoas podem se sentir estressadas, angustiadas e deprimidas, mesmo consumindo o que há de melhor quando está na lógica de uma grande cidade e seu funcionamento. Claro que isso é para quem pode e tem capital excedente para investir no lazer e bem-estar, que delas são as próprias pessoas que param para realizar práticas como essas, pois dentro de si, mesmo com tudo, falta algo.

E talvez o desafio seja perceber que a felicidade não está somente no consumo, mas como muitos sábios dizem estar na simplicidade do momento e da vida mas que diante de tantos estímulos externos, o ser humano se corrompe e se perde. Para isso, a existência de um mosteiro zen em meio a cidade de São Paulo, para aquelas pessoas que querem, precisam e podem, se refugiarem em um espaço tranquilo, simples e de experiências profundas consigo mesmo e com o coletivo, podendo assim transformar suas realidades e escolher outras formas de se envolverem com a vida no geral. Podendo quem sabe ensinar a partir do que aprende, a como se relacionar no mundo de maneira mais simples e profunda,

visando o futuro e não somente as necessidades momentâneas, que também são saudáveis e devem ser alimentadas pois é socialmente natural, porém, quando sai do controle e excede os limites inclusive do planeta, prejudica a todos e promove impactos negativos para a vida na Terra, e é nesse momento em que devem ser revistos os atos cotidianos.

Assim, tenho a satisfação de apresentar um espaço no qual faço parte como estudante e aprendiz dos preceitos budistas² e do que posso aprender mesmo na distância, por exemplo, quando lembro das pessoas e penso “o que elas fariam nessa situação?” pois, são exemplares. Sendo assim, o mosteiro é um espaço comum em meio a São Paulo, uma das cidades mais movimentadas do mundo, junto a manifestação humana de diversos corpos que se encontram por motivos similares e que de diversas maneiras, contribuem em meio a coletividade para a melhoria da qualidade de vida tanto individual, quanto coletiva, no caso dos praticantes da comunidade budista Therigatha.

Por isso a justificativa deste trabalho, que se baseia na importância desse espaço que “existe para resistir” e da prática que dá sentido na vida das pessoas, pois sendo uma religião mundialmente conhecida muitas pessoas sabem do que se trata, porém, não compreendem ao certo o que ocorre de fato nesses espaços, no caso deste mosteiro zen que se expressa de maneira tradicional e urbana, por isso,

toda cultura é transmitida por tradições reformuladas em função do contexto histórico que, ao fornecer repertórios de ação e de representação, preenchem a função de orientação, ou seja, dotam o sujeito da capacidade de estabelecer relações significativas e de acionar referências e esquemas de ação e de comunicação. (WARNIER, 2003 apud SANTOS, 2008, p. 4)

Ou seja, a comunidade budista Therigatha se expressa na atualidade a partir dos ensinamentos de Buda que possuem em média 2500 anos, mas junto ao caminhar da humanidade não perde sua essência, mas se adapta às necessidades mundanas dos dias atuais para agir de maneira adequada diante dos desafios que a humanidade enfrenta. Sendo um lugar onde todas as pessoas que se interessam podem participar e conhecer o que é ofertado dali para os demais. Sendo um espaço interessante e que abre as portas para mais pessoas se aproximarem, afinal, cada ser humano carrega em si a perspectiva do que é, ou ouviu falar sobre um

² Regras ou princípios para orientar o comportamento (CONCEITOS, [20--], p. 1).

mosteiro urbano zen, mas quem sabe, eu possa demonstrar o que observei com mais tempo e profundidade o que este espaço proporciona em questão de acolhimento e práticas que vem do Oriente e são oferecidas em meio a São Paulo.

Mesmo ela sendo uma religião conhecida mundialmente e considerada uma das mais antigas e famosas, não possui muitos adeptos no Brasil, pois quem de fato se considera budista é uma pequena porção da população brasileira, como Usarski indica:

Levando os resultados do IBGE em consideração pode se concluir que o Budismo representa um fenômeno minoritário no País, mesmo em relação a outras pequenas comunidades (geralmente negligenciadas pela mídia brasileira), como as testemunhas de Jeová ou as adventistas. Isso não significa que a futura pesquisa sobre o Budismo brasileiro está perdendo sua relevância para os estudos acadêmicos da religião. Pelo contrário. A área chamará mais atenção na medida em que sua investigação supera a fixação em instituições e aderentes “firmes” e se dedica também à pesquisa de aspectos cientificamente ainda pouco refletidos. (2013, p. 96)

E é neste ponto que cabe ressaltar outra importância para tal trabalho ser desenvolvido, pois se a base dos estudos sociais são as sociedades e culturas, é valioso compreender mais de perto este mosteiro urbano zen, podendo ser considerado também, uma “tribo urbana” como já dizia Magnani em seus estudos antropológicos, “pensa-se logo em pequenos grupos bem delimitados, com regras e costumes particulares em contraste com o caráter homogêneo e massificado que comumente se atribui ao estilo de vida das grandes cidades. (1992, p. 49)

Sendo assim, e como mencionado anteriormente, as perguntas guias da pesquisa sobre esta busca de conhecer mais este espaço são, qual a importância deste espaço para a cidade e para as pessoas que praticam em/na sanga³? Porque, na perspectiva dos participantes, é um local interessante de ser compartilhado para que outras pessoas o conheçam? Por fim, porque ele é sinônimo de resistências socioculturais?

Para tentar explicar tais perguntas centrais de pesquisa, pude conhecer e participar deste projeto até os dias de hoje, onde pessoas que se juntam com alguns objetivos comuns, praticar o zen, estar em uma comunidade budista e vivenciar o

³ Comunidade monástica de discípulos do Buda.

que há de bom quando pessoas se encontram para tentarem se transformar em melhores seres humanos para si e para o mundo conseqüentemente. Criando projetos, sonhando com um futuro melhor para as próximas gerações e estabelecendo vínculos verdadeiros, que não necessariamente são duradouros mas que existe uma certa presença e cuidado em todas as trocas. Sendo elas com o viés budista da escola Japonesa Soto Zen⁴ e que envolve experiências simples e diárias que focam no momento presente e na consciência dos atos realizados, que demandam disciplina e que tem como base as práticas do zazen⁵ a meditação sentada, a leitura de textos religiosos e koans⁶ geralmente passado de um mestre a um discípulo para ajudar em seu processo de aprendizado, cerimônias que celebram a vida e acolhe e ajudam as pessoas falecidas em seu rito de passagem e seus familiares, as atividades da cozinha comunitária do mosteiro e as práticas e ações realizadas fora do mosteiro que levam o budismo para outros ambientes e pessoas.

Como disse um participante em uma das entrevistas, onde relata um encontro da sanga expressão que se dá para a comunidade budista zen, no parque Ibirapuera em São Paulo e suas percepções,

no zazen no parque, quando a gente se encontrou, tinha varias pessoas do grupo, era como se a gente fosse melhores amigos, é como se fosse amigos de infância, nossa! Conheço vocês há muitos anos, e não é nada disso. Não sei de onde vem, não sei explicar direito, mas é uma familiaridade, uma coisa bem interessante, é como se fôssemos próximos.
(TIAGO, 2020, informação verbal⁷)

Trago isso, pois não é em todos os lugares que nos sentimos em casa e por quê reforço? Pois junto a essa pesquisa, um dos intuitos principais é demonstrar como esse espaço se dá como refúgio para quem pratica na comunidade, sendo um local no qual as pessoas podem se sentirem bem e confortáveis em ser quem são, mas que envolve disciplina e trabalho em conjunto para que sigam construindo pró aquilo que acreditam diante dos ensinamentos budistas. Por isso, uma das razões

⁴ A escola Soto é a principal escola de Zen Budismo. Foi inicialmente fundada na China como a linhagem Caodong da escola Chan de budismo, e posteriormente migrou para o Japão com Dogen Zenji, tendo sido denominada então Soto Zen (BREVE, [20--], p.1).

⁵ “Zazen é a forma fundamental de meditação da prática zen. É uma espécie de estudo do eu” (ZEN, [20--], p.1).

⁶ Narrativa, diálogo, questão ou afirmação que contém aspectos inacessíveis à razão.

⁷ Entrevista cedida pelo praticante da sanga Therigatha, Tiago, em Março de 2022.

da escolha do tema, foi compreender que diante dos anos que passei na graduação, não tive nenhum conteúdo relacionado ao budismo na antropologia, mas pude entrar em contato com uma disciplina na qual abordava a história do budismo no curso de história como uma matéria optativa, porém, quando comecei a busca por referências em relação ao assunto pude notar que o número de informações disponíveis não eram relevantes, como outras religiões e como já disse Pierre Sanchis “quando se olha para o campo religioso brasileiro contemporâneo, um primeiro fato chama a atenção: a transformação introduzida nele pelo fim da hegemonia - quase que monopólio - católico.” (SANCHIS, 1997 apud GENZ, 2005, p. 9) Por essas razões, acredito que este estudo possa contribuir para o campo da antropologia da religião, ou para a antropologia do budismo, com isso,

O budismo tem ocupado um espaço crescente, em termos de visibilidade, na sociedade brasileira. Como uma religião de origem oriental sua presença no campo religioso brasileiro é um fenômeno novo, justificando por isso mesmo o interesse no seu estudo como objeto de investigação antropológico.” (GENZ, 2005, p. 9)

E diante deste desafio que me propus, o enfrentei com os pés no chão, pois sabia que de maneira acadêmica, poderia estar contribuindo para o aumento de estudos sobre essa área na antropologia e que é importante para a compreensão da vida como um todo, nas diversas sociedades que o budismo habita atualmente.

Deste modo a pesquisa foi realizada a partir do método etnográfico, com foco em entrevistas individuais, e para que isso acontecesse convidei alguns praticantes da comunidade zen budista Therigatha para conversarem comigo e compartilhar seus sentimentos em relação ao mosteiro urbano zen. Tive a oportunidade de referenciar trechos de algumas delas nos parágrafos acima, pois julguei pertinente ao assunto. E através de uma entrevista pré-estruturada (apêndice A) que montei junto a ajuda de meu orientador, levando perguntas chaves, com base na pergunta de pesquisa. Decidi contar um pouco sobre a história do budismo para introduzir o assunto e assim, descrever a sanga Therigatha a partir do que observei, sendo, a resistência que ali se faz por parte das pessoas que praticam e constroem esse lugar, sua importância para os membros e a cidade de São Paulo e suas atividades. E pude assim, obter bons momentos de bate-papo, com ótimos depoimentos em

relação ao mosteiro, suas sensações em relação a ele e a partir disso busquei compreender por quais motivos as pessoas se sentem bem neste local.

Por essa razão, deixei aberto para os participantes da comunidade optarem por suas participações no desenvolvimento deste trabalho, convidei por volta de dez pessoas que praticam regularmente nas atividades do mosteiro, pensando em gênero, idade, anos de prática junto ao mosteiro, dentre outras categorias para uma seleção diversificada, mas ao mesmo tempo estava aberta a entrevistar a todos que se interessassem. Por fim, realizei quatro entrevistas completas de duração em média de uma hora, e pude acompanhar o mosteiro de maneira presencial em momentos que julguei importante, como por exemplo, a reabertura oficial do espaço pós pandemia do coronavírus⁸, um retiro de um dia em silêncio no mosteiro, onde passei um dia imersa nas práticas convencionais, um retiro integral de sete dias seguidos nos períodos da manhã, tarde e noite, onde pude sentir melhor a dinâmica do espaço e me familiarizar com a rotina e necessidades ali presentes. Dentre outros momentos que pude ir de maneira espontânea para desfrutar do ambiente e adotar uma postura de observadora-participante e sentir um pouco do efeito etnográfico, como diz Marilyn Strathern (2014, p. 350), “os etnógrafos se colocam a tarefa de não só compreender o efeito de certas práticas e artefatos, mas também recriar alguns desses efeitos no contexto da escrita sobre eles”.

Um detalhe importante que não posso deixar de mencionar, é que eu como participante-observadora e integrante da sanga como estudante dos preceitos budistas, tive a oportunidade de sentir os efeitos proporcionados pela prática budista no mosteiro zen, que tento colocar em palavras neste trabalho através do convívio e das tarefas realizadas em relação a rotina do espaço enquanto estive presente, ponto interessante do trabalho no qual ser integrante e ser observadora por certos momentos, principalmente no início da pesquisa onde estava me adaptando ao estudo e pesquisa etnográfica me geram algumas dúvidas em relação a como discernir meu trabalho acadêmico em relação ao meu trabalho individual como praticante na comunidade zen. Nesse período de algumas incertezas e por sorte, passei na casa de um amigo e vi que ele tinha o livro “A queda do céu” de Davi

⁸Em 31 de dezembro de 2019, a Organização Mundial da Saúde (OMS) foi alertada sobre vários casos de pneumonia na cidade de Wuhan, província de Hubei, na República Popular da China. Tratava-se de uma nova cepa (tipo) de coronavírus que não havia sido identificada antes em seres humanos” (ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE, 2020, p.1). E pela fácil transmissão do vírus em um curto espaço de tempo, desencadeou a pandemia mundial do coronavírus.

Kopenawa, líder político Yanomami e Bruce Albert, antropólogo francês que passou muitos anos junto a comunidade dos Yanomamis. Então pedi emprestado, porque já tinha ouvido falar muito sobre este livro na área da antropologia e o quão significativo era para compreender a maneira de se fazer uma etnografia.

Pois bem, confesso que devo ter lido um terço do livro, mas a parte mais importante foi ter compreendido a maneira na qual o antropólogo Bruce, realizou essa tarefa com Davi e juntos escreveram este livro. Com isso, percebi que eu estava no caminho certo, pois em meio a pandemia, onde já estava desenvolvendo esse trabalho, observei que sendo integrante da sanga, por me sentir bem naquele espaço, isso seria importante para a minha escrita e estudo, afinal, Bruce e Davi passaram muitos anos compartilhando de seus saberes antes de finalizar o livro, e eles eram amigos. Então percebi que seria importante a minha presença neste espaço tanto para minha pessoa junto as minhas dificuldades humanas naturais e estava me ajudando na época da pandemia, tanto quanto para uma futura antropóloga que estaria ali para não somente criar um projeto, no caso essa monografia, mas para vivenciar aquilo no qual estava me dedicando a estudar academicamente. Por isso percebi que teria mais condições de produzir um trabalho de qualidade a partir daquilo que sentia e achava positivo para outras pessoas conhecerem, pois ao mesmo tempo que percebia as mudanças em mim, observava nas outras pessoas que praticam no mosteiro urbano zen e sabia que outras pessoas poderiam se beneficiar.

Sendo assim, observei que não há como dizer de maneira precisa o número de participantes que fazem parte da comunidade budista zen Therigatha nesses oito anos, afinal, pessoas chegam, se aproximam, outras se vão e eventualmente um dia voltam, mas podemos deixar uma média de 150 pessoas envolvidas por todos os cantos do globo terrestre. Alguns se mantêm firmes e estão em todas as atividades, outros já nem tanto, mas ali, todos se integram e quando juntos, constroem o que for possível, sejam ideias, projetos ou afetos. Posso dizer que é um espaço estilo “coração aberto”, que cabe a todas as pessoas que se acercam e tem o interesse em estar ali presente e conhecer um pouco mais do que ocorre dentro e fora do mosteiro. Por isso, as quatro entrevistas com diferentes participantes, as minhas próprias práticas como estudante dos preceitos budistas e todas as visitas feitas, em momentos importantes e singulares, junto a escrita etnográfica no caderno de

campo após e durante encontros presenciais, que me possibilitaram a escrita deste trabalho.

Utilizando também métodos comparativos em relação às respostas de cada integrante da sanga nas entrevistas realizadas via aplicativo de reuniões virtuais, o *zoom reuniões*⁹, gravadas com o consentimento de cada participante, pois no período que precisava estar no trabalho de campo e realizar as conversas, a pandemia do coronavírus estava com grandes números de vítimas e as leis e restrições impostas pela OMS (Organização Mundial de Saúde) não permitiam o encontro presencial, por isso foi mais seguro os encontros virtuais. Mesmo assim, pude encontrá-los em outros períodos pós “boom” pandêmico e frequentar o espaço, realizar as práticas e estar perto das pessoas que me incentivaram e motivaram mesmo sem dizer uma palavra, a escrever sobre este tema.

Por isso, a sanga, palavra em sânscrito, que quer dizer associação, comunidade, utilizado nas tradições budistas como forma de representar o todo, pode ser considerada “um grupo com uma ação coletiva organizada, sustentada em crenças e valores compartilhados.” (VELHO, 1994, p. 14) como já nos explica Gilberto, e “o que julgo mais significativo é a explicitação de um campo de possibilidades próprio à sociedade moderna complexa. Ali, naquele espaço, naquele período de tempo, cruzaram-se várias trajetórias e trilhas sociológicas e culturais” (VELHO, 1994, p.19). É justamente essa uma das características que traz a magia de se vivenciar e presenciar momentos no mosteiro urbano zen, pois se existe algo que nutre as pessoas como seres humanos são os encontros e desencontros da vida, que ensinam coisas através do compartilhar. Outras situações não proporcionam tamanha satisfação, como em estar presente em um movimento coletivo, no qual, os objetivos, nada mais são do que utilizar dos tempos escolhidos para a prática da meditação sentada e na vida no geral, como oportunidades de se conhecerem em profundidade e trabalhar junto às suas mentes, em busca de um presente e um futuro com mais contentamento e felicidade em relação à própria vida e a dos demais.

Para chegar a pontos em comum e distintos da perspectiva dos participantes em relação ao Mosteiro, juntando aos objetivos e ideias centrais que motivaram a escrita deste trabalho aqui discutidos, para então poder escrever, após “olhar, ouvir e

⁹ Aplicativo que permite realizar reuniões virtuais de maneira muito simples, tanto pelo celular quanto pelo computador.

escrever”, como já dizia Roberto Cardoso de Oliveira, em seu livro, “O trabalho do antropólogo” no primeiro capítulo. Chegou o momento que considero de maior desafio, mas que faz parte do trabalho etnográfico: escrever e sintetizar a partir das experiências que pude presenciar com carinho e atenção no mosteiro urbano.

Por fim, enquanto estava em trabalho de campo, frequentei o mosteiro, fiz registros fotográficos do espaço e pude receber fotos de outras pessoas que também fizeram. E assim foram as visitas, os encontros virtuais com pessoas queridas e que mesmo não conhecendo pessoalmente antes de frequentar presencialmente, foram abertas e disponíveis para conversar um pouco sobre como o mosteiro as afetam de maneira positiva. Pude escrever bastante e obter um farto caderno de campo, com registros importantes em relação às minhas percepções pessoais no que se refere a tudo e todos que passam por esse espaço. Encontros e desencontros com diversas pessoas e suas falas, que gravei e transcrevi, palavras, expressões, silêncios, que me ensinaram e me ajudaram a compreender um pouco daquilo que ainda é desafiador colocar em palavras, mas que tentarei nas seguintes etapas de desenvolvimento desta busca infinita.

Por isso, dando seguimento aos próximos tópicos deste trabalho, no capítulo dois irei trazer o panorama histórico principal para a compreensão do surgimento do Budismo, apresentando Buda o mestre desta religião, junto aos subcapítulos que tratarão da vinda do budismo para o Brasil e por consequência sua permanência até os dias de hoje, contando também como o budismo chegou e atualmente habita São Paulo, local onde o mosteiro urbano zen reside, para assim trazer no capítulo três e entrar no contexto da permanência, importância e resistências deste espaço para as pessoas e consequentemente para São Paulo local onde reside o mosteiro zen, e de quais maneiras se expressa para existir na capital, junto a Monja Waho sensei¹⁰, líder da comunidade Therigatha. Seguindo para a parte final comprovando através de entrevistas e anotações no caderno de campo, do porque este espaço ser considerado um local de resistência a partir de suas ações e realizações na cidade, dentro e fora do mosteiro urbano zen, seguindo para a conclusão de como considere este trabalho importante para os estudos acadêmicos na área do budismo e da antropologia da religião pontuando partes importantes para a compreensão de sua maneira de existir e resistir na cidade de São Paulo. Assim, fertilizo o solo no

¹⁰ Palavra em japonês usada como um título honroso para tratar com respeito um professor ou um mestre.

espaço da academia, para aqueles que entrarem em contato com este trabalho, que não julgo excludente mesmo se tratando de religião ou filosofia religiosa, possam se interessar pelo tema e ter a oportunidade de conhecer um pouco mais da cultural oriental, expressa em uma casa de dois andares, conhecida como mosteiro urbano zen Therigatha e que está regada de tradição, significados e ensinamentos budistas, construído por pessoas que acreditam na mudança, seja ela qual for, mas que beneficie o maior número de seres.

2 BUDISMO: SURGIMENTO E CONTEXTO HISTÓRICO NO BRASIL

O budismo data seu surgimento há mais de 2600 anos atrás no norte da Índia no século V a. C., passando por diversos países do território asiáticos, até então chegar no Ocidente através de mestres e mestras que disseminaram os conhecimentos adquiridos pelas práticas incessantes de Buda, onde atingiu a iluminação.

A figura histórica de Siddhartha Gautama, também conhecido como o Buda, não deixou registros escritos de suas ideias, sendo seus ensinamentos formalmente codificados pelo menos quatro séculos após a sua morte. Tais ensinamentos revestem-se de caráter psicológico, filosófico e moral, sendo o Buda, costumeiramente, retratado como um mestre, um pensador, um sábio, um verdadeiro cientista (SILVA; HOMENKO, 1978 apud DINIZ, 2010, p. 89)

Siddhartha Gautama trabalhou para compreender a causa do sofrimento humano e quando chegou ao resultado final de suas buscas, sentiu que precisava ajudar as pessoas a se libertarem de seus sofrimentos a partir da auto observação da sua própria mente, aprendendo a ser o mestre dela e não o submisso. Por isso, Buda “não representou uma encarnação divina ou um mensageiro divino, mas, ao contrário, foi um ser humano que expôs uma disciplina mental, desenvolvida e posta em prática com êxito por ele próprio” (DINIZ, 2010, p. 89). Reconheceu causas de sofrimento, como a doença, a velhice e a morte, que são inerentes para todos os seres, e chegou a conclusão de que a mente é mais perigosa, do que cobras venenosas e assaltantes vingadores e soube da importância de cuidar e observar essa ferramenta excepcional que nós seres humanos possuímos.

Contudo, muitas vezes o ser humano não sabe como utilizá-la e aprender a lidar com as emoções que geram as ações no mundo e que ao mesmo tempo que podem trabalhar junto a ela, a mente, também podem se deixar levar por alguns fluxos incessantes de pensamentos autodestrutivos e cair em buracos profundos diante de problemas pessoais, questões socioculturais, e tudo que ocorre ao redor que nem sempre são agradáveis ou que é possível controlar. Por isso a comparação em relação às cobras e assaltantes não é à toa, pois a partir dos pensamentos e sentimentos surge a reação ao mundo e as pessoas que estão

próximas, e quando se percebe que a maneira que se expressam os atinge diretamente e influencia todas as relações mundanas que possuem, é possível notar a importância de desenvolver um caminho que ajude a seguir a vida com menos desequilíbrios, para manter ela, a vida, menos densa e com o nível de felicidade e satisfação pela existência suficientes o bastante para usufruir melhor do tempo que cada um possui nesta terra.

Por isso, praticar é como alimentar e cultivar sementes na própria mente, como se fosse uma terra fértil, que tanto acolhe sementes saudáveis quanto estragadas, mas que ao desenvolver a prática zen budista, é possível criar um alicerce que possibilita enxergar o que de fato está cultivando em seu caminhar, dando possibilidade para a escolha de onde quer chegar, envolvendo através do trabalho pessoal junto a prática. Podendo assim, criar uma estrutura que sempre se abala, mas que se refaz e que, ao contrário do que muitos pensam, sempre haverá possibilidades de enfrentar os desafios que se apresentam.

Praticar o budismo zen, ensina além de tudo, a aceitar e prosseguir diante das circunstâncias que são criadas através do espaço que cada pessoa habita no mundo diante de diversas categorias socioculturais que naturalmente geram a realidade do ser humano, mas que é nesse ponto onde cabe a cada indivíduo se perder e encontrar diante os desafios, essa é a prática e esse conhecimento milenar veio do Japão para o Brasil,

As escolas japonesas são as mais antigas em nosso país. Ainda que os imigrantes japoneses tenham chegado ao Brasil a partir de 1908, desenvolveram poucas atividades religiosas aqui, pois sua intenção era trabalhar no Brasil alguns anos, amealhar um patrimônio e regressar ao Japão. Entretanto, a derrota do Japão tornou esse regresso impossível, e os nipônicos, resolvendo fazer do Brasil sua segunda pátria, trouxeram para cá suas instituições religiosas. (GONÇALVES, 2005, p. 201)

diante de todo o tempo que se passou junto a todos os territórios onde chegou e percorreu através dos discípulos de Buda no Brasil, o budismo chegou através dos trabalhadores japoneses que vieram para cá em busca de oportunidades de trabalho, enquanto o Japão neste período histórico lutava na Segunda Guerra Mundial contra os Estados Unidos e sem a intenção de permanecerem no território brasileiro, após a derrota na guerra não havia muitas

outras alternativas, afinal o país estava destruído em suas estruturas básicas sociais e diante das circunstâncias parecia a melhor opção na época permanecer e seguir a vida. E de maneira natural, porém não planejada, tão pouco agradável, o budismo chega no Brasil através desses trabalhadores.

Mas antes disso, gostaria de retomar e esclarecer que houve separações relevantes para a história do budismo em um passado distante após a morte de Buda, e a primeira foi a separação entre o budismo Mahayana e o budismo Hinayana, conhecidos também como o grande veículo e o pequeno veículo, que não é caracterizado por maior ou menor em nível de importância, mas pela quantidade de adeptos que se separaram quando Buda fez sua passagem e que divergiam na forma de pensar os ensinamentos budistas, por isso a separação, pois cada praticante teve a oportunidade de se identificar com umas das escolas que se separaram naquele período histórico, sendo a Mahayana, precursora da linhagem Soto Zen que é a qual o mosteiro urbano zen se funde, escola fundada pelo Mestre Dogen Sama, no Japão, por volta dos anos 1244, quando fundou o templo Eiheiiji, um dos mais importantes templos até hoje para essa tradição, que se expandiu para o mundo, e que nesta linhagem as mulheres foram aceitas como discípulas de Buda diante da insistência de diversas mulheres na época em que Buda ainda estava vivo, para que elas fossem aceitas na comunidade zen budista. E que na escola Hanayana até os dias atuais, não é reconhecido, tão pouco, são aceitas as mulheres na comunidade como membros oficiais, já na Mahayana sim, onde Monja Wahô recebeu seus votos monásticos, se tornando monja desta linhagem podendo se tornar líder espiritual do mosteiro zen urbano Therigatha.

E “as principais escolas japonesas do budismo presentes em nosso país são o zen (ramo soto), uma escola contemplativa” (GONÇALVES, 2005, p. 201) que diante desta prática de meditação e contemplação, a Soto Zen se mantém viva. E mesmo que muitas pessoas pensem que a prática do sentar, a meditação sentada, é somente contemplar, diante de pesquisas feitas por pessoas da área da religião, vemos que ela é em si,

uma prática que nos ajuda a curar e a transformar. Ela nos ajuda a sermos inteiros, a nos observarmos profundamente e também a observarmos o que nos rodeia a fim de enxergarmos com clareza o que existe. Olhando com profundidade iluminamos os recantos da nossa mente e vemos o cerne das

coisas para, assim, enxergarmos a sua verdadeira natureza. (HANH, 2015, p. 31)

Assim, a prática não se limita a recitar sutras, que no caso são textos sagrados e mantras que seriam como hinos, que são recitados repetidamente, como alguns podem pensar a respeito desta religião, mas é a prática diária de se manter presente no aqui e agora conscientes da realidade como ela é. Mestre Thich Nhat Hanh, monge vietnamita conhecido mundialmente por ser um exemplo de prática e sabedoria diz:

Grande parte das pessoas, ao ouvir a palavra “meditação”, pensa na meditação sentada. No entanto, são vários os tipos de meditação. A meditação com *consciência plena* pode ser praticada em qualquer lugar, não importa a posição do nosso corpo - podemos estar sentados, caminhando, de pé ou deitados.

Quando fazemos as nossas atividades diárias com atenção plena, estamos praticando a meditação (HANH, 2015, p. 33).

E a partir deste pensamento, de que tudo é prática, é possível englobar o maior número de seres para uma melhoria das vidas sociais, físicas, emocionais e espirituais, quando é possível perceber que tudo e todos proporcionam oportunidades para praticar o zen e a vida.

Buda, que passou anos de sua vida buscando compreender o que trazia tanto sofrimento para os seres humanos, encontrou uma solução para acessar a realidade de quem somos e aprender a lidar tanto com a dor quanto com o amor, ensinou que sensações são passageiras e que, todos os seres humanos almejam, independente da maneira que se expressam no mundo, um equilíbrio interno, um estado de espírito no qual se sentem bem e satisfeitos.

Mas a realidade da prática budista retrata que não é fácil manter tais qualidades diante de tantos desafios mundanos, como os trabalhos que proporcionam a renda individual e familiar, realidades sociais do mundo, guerras, desigualdades, que afetam diretamente e na maneira que todos reagem às circunstâncias da vida. Por isso, Buda ensina a prática simples e profunda de sentar em meditação e conhecer a si para assim conhecer a vida.

Por isso, o interesse em acompanhar a sanga não somente como estudiosa acadêmica, mas como aluna da vida e por consequência de todos os fatos que passaram pelo meu caminho até hoje, sendo aprendiz do darma¹¹ de Buda, onde os praticantes se refugiam em “Buda, darma e sanga” as três jóias budistas, na qual Buda é o ser que pode chegar a um estado de plenitude, sendo ele o nirvana¹² e a partir disso, pode mostrar a direção para quem quiser experienciar a vida a partir de outra perspectiva, no caso esta, a budista e que Buda pode ser qualquer pessoa que chegue neste estado de espírito. O Darma, os ensinamentos budistas nos quais os praticantes sustentam sua prática zen¹³ e a sanga, a comunidade de praticantes zen budistas que tomam refúgio nas três jóias, sendo um apoio para trilhar os desafios da vida, que enquanto estiver vivo, eles existirão para ensinar o que é necessário aprender ao longo da vida humana.

Com isso, no próximo tópico será relatado um pouco da história de como o budismo veio para o Brasil, pois é aqui que o mosteiro urbano zen budista Therigatha está e resiste fazendo esta história acontecer, e quando digo o mosteiro, me refiro às pessoas que ali estão criando e construindo este espaço que não se baseia somente no local físico.

2.1 A CHEGADA DO BUDISMO NO BRASIL

Tratando um pouco sobre a vinda do budismo para o Brasil, como no caso de outras religiões predominantes em terras brasileiras nos dias atuais, como por exemplo o catolicismo que veio para a América do Sul e mais especificamente o Brasil, que antes da colonização residia os povos originários e que tiveram suas culturas, sociedades e famílias massacradas, escravizadas e quase extinta por conta dos portugueses que desembarcaram em meados de 1500 em busca de ouro e especiarias, na época do mercantilismo europeu.

¹¹ “Darma ou Dharma (os ensinamentos de Buda): qualquer vertente budista segue todos os ensinamentos de Buda, mesmo que os interprete de maneiras distintas” (BUDISMO, [20--], p. 1).

¹² “é o estado mais alto da meditação. Segundo Buda, é quando o indivíduo encontra a paz e a tranquilidade, cessando as oscilações dos pensamentos e das emoções, se livrando do sofrimento do mundo físico” (BUDISMO, [20--], p. 1).

¹³ “Zen” é o termo japonês para “dhyana”, que, em sânscrito, significa “meditação” (HANH, 2015).

O budismo chegou ao território brasileiro através de pessoas e culturas diferentes das nossas, e neste caso foram os imigrantes, vindos da Ásia, “trabalhadores chineses temporariamente contratados na primeira parte do século XIX” (USARSKI, 2004, p. 310) que chegaram no navio Kasato-maró, onde desembarcaram centenas de japoneses em junho de 1908 entre os dias 17 e 18, em Santos - São Paulo, e pelos estudos, contabilizaram 781 pessoas recepcionadas no porto, e que nesta época não havia nenhum indício de que o budismo existia no Brasil. Por isso, essas pessoas que vieram de outro continente, com culturas totalmente diferentes, sem bases religiosas semelhantes às nossas e, por consequência da “falta de sacerdotes – reuniam-se junto com seus vizinhos para realizar, de forma improvisada, cerimônias religiosas” (USARSKI, 2013, p. 86).

Vemos então, que na chegada dos imigrantes asiáticos, vindos a trabalho, reuniam-se entre si para exercer as práticas religiosas de sua origem, pois não havia nenhuma referência de local de prática budista até então no Brasil já estabelecida. Mas foi então que dentre todos os imigrantes que vieram nesta época e chegaram no navio Kasato-maró, estava a pessoa que foi um marco histórico para o início da caminhada budista em solo brasileiro, permitindo que esta religião começasse a criar raízes e nutrir as sementes budistas, sendo elas, as pessoas que aqui chegaram e as que iriam se interessar pelo assunto, pois inevitavelmente traria novidades para os não asiáticos em relação às perspectivas orientais de se expressarem através da fé. Pois bem, foi ele que desembarcou dentre outras várias pessoas,

o sacerdote Genju Ibaragui, representante da linha budista Nichiren que fundaria, em 1936, perto da cidade de Lins, no Estado de São Paulo, um núcleo de culto para seguidores da sua religião. Um ano mais tarde, era consagrado como único templo budista em solo brasileiro. (USARSKI, 2004, p. 310)

Este espaço criado pelo sacerdote Genju foi considerado por 15 anos excepcional, pois não havia outro lugar que fosse de uma tradição budista no Brasil até então, podemos dizer então a partir dos estudos do Adalberto Santos que,

Não há tradição cultural que não esteja ligada a um dado grupo social, que não seja histórica e geograficamente situada. Por outro lado, embora, não haja nenhuma sociedade que não possua sua própria cultura, não se pode

pensar que a cultura seja a reprodução idêntica de um conjunto de hábitos imutáveis. As culturas mudam, pois estão imersas nas turbulências históricas e integram os processos de mudança. (2008, p. 4)

Sendo assim, por anos essa tradição não foi levada em consideração, pois os asiáticos que vieram a trabalho pensaram que iriam voltar para suas terras natais. Porém, o tempo foi passando e no ano de 1950, por conta da derrota do Japão na Segunda Guerra Mundial, as pessoas que haviam imigrado para o Brasil decidiram permanecer por aqui, seguindo suas vidas da maneira que podiam e se estabeleceram. Assim, saíram das áreas rurais mais afastadas do território brasileiro e foram para as cidades em busca de oportunidades no Brasil, já que a situação do seu país pós guerra, não estava das melhores para darem continuidade às suas vidas. Com isso, outras linhagens budistas tiveram a possibilidades e oportunidade de começarem a criar e estabelecer raízes “com o apoio das suas matrizes no Japão”. Frank Usarski, especialista no tema e um dos braços direitos para a realização deste trabalho, já apontava que, “o Budismo, além de ser uma religião predominantemente urbana, é apenas relativamente “forte” nos Estados antigamente preferidos pelos imigrantes asiáticos na busca de um lugar de estabelecimento permanente.” (USARSKI, 2004).

Sendo assim, podemos ver a partir de fatos que o budismo,

era restrito a imigrantes da Ásia e suas práticas domésticas e esforços de manter sua herança cultural trazida para o Brasil. Conforme relatos da época, isso já valia para os trabalhadores chineses que chegaram ao Brasil na segunda década do século XIX e estabeleceram-se particularmente no Rio de Janeiro, onde mantiveram seus costumes e celebrações enquanto cumpriam seus contratos de trabalho de curto prazo. (USARSKI, 2013)

Diante desta perspectiva mais fechada e exclusiva aos asiáticos em relação às práticas do budismo naquela época, houve um momento de abertura para os não asiáticos. Foi com a escola budista Soto Zen, que os brasileiros interessados na prática tiveram a oportunidade e puderam experienciar a meditação sentada em um templo tradicional japonês, que havia sido fundado na região metropolitana de São Paulo no ano de 1955 por Takashina Rosen Zenji (COMUNIDADE, [20--], p. 1), o templo Busshinji. Essa foi a primeira oportunidade até então historicamente relatada

nos estudos acadêmicos, de um espaço que abriu as portas para pessoas que não possuíam nenhum vínculo na religião budista ou descendência oriental, pudessem participar. Trata-se do

templo Busshinji, sede da missão da Escola Soto Zen , dirigida então pelo mestre Ryohan Shingu. Nos Estados Unidos e na Europa o zen gozava então de grande popularidade e isso repercutia por aqui, fazendo dessa missão a primeira organização budista a ultrapassar os limites da colônia japonesa e a atingir o público brasileiro. A partir de 1961 foi criado um grupo de zazen semanalmente aos sábados (GONÇALVES, 2005, p. 204).

Esta proposta de abertura para pessoas não asiáticas foi um marco importante, pois caso isso não ocorresse não haveria o mosteiro urbano zen tema deste trabalho, pois a mestra que conduz e organiza as atividades da Therigatha bebeu da fonte do Busshinji na tradição Soto Zen. E quem a transmitiu os preceitos e a ordenou monja foi a Monja Coen, conhecida mundialmente pelos feitos, palestras no youtube e outras atividades realizadas em décadas de práticas e estudos monásticos budistas e que por alguns anos liderou o templo Busshinji, quando um dos superintendente-geral se ausentou, e foi nessa oportunidade que Wahô sensei, se encontrou no zen budismo, e depois de anos de prática e motivação, construiu gradativamente o mosteiro urbano zen Therigatha na cidade de São Paulo.

2.2 MOSTEIRO URBANO ZEN THERIGATHA EM SÃO PAULO

Sendo assim, um dos primeiros lugares para a constituição de espaços e templos budistas no Brasil, além do Rio de Janeiro, foi também São Paulo, uma grande cidade, cheia de oportunidades até hoje e que é rodeado de distintos aspectos culturais por consequência da grande quantidade de imigrantes e migrantes no estado, que é considerada uma das maiores metrópoles do mundo. Por consequência da imigração asiática para o Brasil, “a colônia chinesa, numericamente a segunda maior comunidade asiática no Brasil depois dos japoneses” (USARSKI, 2004, p. 311) foi um fenômeno que trouxe não somente a

religião, mas corpos diferentes, com histórias distintas e que, por consequência, explica a variedade do budismo no país com o decorrer do tempo.

Em São Paulo, por exemplo, temos as referências primárias da tradição budista em diversas linhagens, pois como apresentei anteriormente, vieram pessoas distintas do continente asiático, sendo eles japoneses e chineses, para trabalharem no Brasil. Diante da diversidade cultural de cada indivíduo que aproveitou a oportunidade de trabalho e atravessou o oceano para chegar até este país, havia algumas linhagens do budismo que cada um seguia. Claro que, por consequência, haviam grupos de pessoas que representavam cada linhagem, visto que muitas vezes vinham pessoas da mesma família, região e Estados que, ao se depararem com as diferenças territoriais, propiciavam surgimento de diferenças no budismo.

Mas hoje o budismo está situado de duas maneiras e com a ajuda de Ricardo Mario Gonçalves um dos grandes pesquisadores sobre o budismo na academia no Brasil, exponho as duas escolas sendo elas em primeiro lugar a Theravada ou conhecida também como a Escola dos Anciãos, sendo a principal nos países como Myanmar, Tailândia e Sri Lanka, países do Sudeste Asiático, que prioriza a vida monástica, seguem os preceitos budistas e praticam a meditação. Em seguida, a fonte de referências dos ensinamentos no mosteiro urbano zen Therigatha, a escola “Mahayana ou Grande Veículo, predominante na China, no Japão, na Coreia e no Vietnã. Corrente originária do norte da Índia, abriu-se a influências persas e helenísticas” (GONÇALVES, 2005. p. 201). E em cada espaço diante das influências internas e externas, a religião se faz presente de uma maneira, promovendo a diversidade atual de budismo e, claro, sendo possível que outras formas de expressar a devoção a Buda sejam criadas, pois se existem pessoas, existem mentes e se existe mentes, sempre haverá a possibilidade de criar e transformar algo, como por exemplo as religiões.

Mesmo que o budismo esteja encontrando novos adeptos e seguidores nos contextos urbanos, em vidas materialistas mais demandantes, como nas grandes cidades, pois ele sugere soluções para perguntas mais profundas da existência, como: Quem sou eu, afinal? Qual é o sentido da vida? Qual é o meu propósito nesta vida? O que me fez chegar até aqui? Buda com sua sabedoria, explica as causas do sofrimento humano, e que tais perguntas, às vezes são respondidas com o tempo e com a ação que se faz no mundo, outras já não são respondidas e talvez só vivendo para aprender, e quiçá descobrir a respostas, mas a partir destas perguntas junto

aos conhecimentos transmitidos por seu precursor fica menos confuso algumas inquietações que todos os seres humanos sentem, pois através de seu trabalho, Buda trouxe possibilidades para transformar a maneira de ver a vida e as circunstâncias que nela existe. Em sua iluminação,

Sidarta, o homem que há muitos anos tornou-se o Buda na Índia, permaneceu um bom tempo sentado ao pé de uma árvore de Bodhi. Ele parecia estar apenas sentado, mas o seu corpo estava participando de seu despertar. Ele observava com muito cuidado o seu corpo, os seus sentimentos e as suas percepções. Com a continuidade da sua prática, a força da sua consciência plena e da sua concentração ficava cada vez mais forte. Certo dia ao amanhecer, quando surgiu a Estrela da Manhã, ele sentiu uma libertação que dissipou toda a escuridão que havia em seu interior. Foi esse o momento da sua iluminação (HANH, 2015, p. 36).

Sendo assim, Buda cessa suas buscas, pois percebe a causa do sofrimento humano, o apego e diante disto, trilha sua jornada, ensinando a quem o procurasse para ter a oportunidade de uma vida melhor, e isso não envolve ganhos materiais, tão pouco espirituais, mas faz com que o ser que se permite acessar o conhecimento, desperte para o aqui e o agora, não negando seus sofrimentos, mas tendo a oportunidade de enxergá-los e acolhê-los, sem tantos julgamentos, que refletem uma sociedade como São Paulo. E nisso vem a história do mosteiro urbano zen e sua importância para as pessoas que praticam neste espaço.

Nesse sentido, relata-se um pouco da história do budismo, do surgimento do mosteiro urbano, a forma que seus membros participam nas atividades e tarefas que ali são feitas, como diz Gilberto Velho um espaço onde há o “encontro de diferentes indivíduos”. Mostrando a importância de um espaço que muitas vezes estão localizados em meio rurais, afastados da multidão, mas que pela expansão territorial junto a globalização está localizado no meio de uma das maiores cidades do mundo, com fácil acesso devido os transportes coletivos da cidade e com a possibilidade de acolher e receber quem se interessar em praticar junto a sanga Therigatha.

Imagem 1: Fachada do mosteiro urbano zen Therigatha.



Fonte: registro da própria autora.

Trarei a seguir registros fotográficos como este acima (imagem 1) para o início da compreensão acerca do que é um mosteiro urbano zen budista na cidade de São Paulo, onde os prédios quase arranham os céus, as ruas são movimentadas, o tráfego de carros pode ser ouvido de dentro das casas e que mesmo diante de todo ruído externo, movimentação, caos, que uma grande cidade pode proporcionar aos moradores, existe um abrigo zen para aqueles que querem seguir o caminho

budista, claro, não são todas as pessoas que sentem dessa maneira a cidade, mas o ambiente do mosteiro naturalmente emana paz mesmo estando localizado na região central da grande metrópole paulista, mas como o praticante Tiago disse em uma das entrevistas: “apesar de ser em uma avenida movimentada, a Pompéia, você entra lá e parece que você não está nem em São Paulo”. (2022, informação verbal¹⁴)

Assim, o mosteiro se torna um local de refúgio e tranquilidade, resistindo ao fluxo externo da cidade, pois o tempo dentro do mosteiro é diferente, transmitindo a paz que todos buscam diante das vidas agitadas e demandantes. Até parecendo outro universo quando se entra nele, uma atmosfera diferente, com tempo e espaço distintos aos da sociedade de produção e consumo como São Paulo, que nunca para e que muitos dos seres humanos estão inseridos por natureza e não podem fugir, mas quem sente afinidade, pode se refugiar em alguns espaços, como por exemplo na sanga, a comunidade budista.

¹⁴ Entrevista cedida pelo praticante da sanga Therigatha, Tiago, em Março de 2022.

Imagem 2: Praticantes da sanga Therigatha praticando kinhin, a meditação caminhando, em um dia de retiro na comunidade.



Fonte: registro de uma praticante da sanga Therigatha.

O espaço físico do mosteiro possui três divisões principais, sendo eles: 1) a garagem, que foi transformada em um entreposto (imagem 7) com cozinha e local para recepção de pessoas ao chegar ao mosteiro, por sinal um espaço agradável para a permanência e que possui uma cozinha. Ótimo lugar também para a observação da cidade por outra perspectiva, onde também disponibilizam a venda de produtos artesanais, com por exemplos os pães integrais (imagem 6) que são produzidos semanalmente pelos praticantes da sanga; 2) o primeiro andar onde reside a sala principal de Buda (imagem 5), onde ficam dois altares, um com imagens de Buda e seus seguidores que foram pessoas chaves para a disseminação do conhecimento budista no mundo, onde é colocado oferendas, presentes, símbolos de gratidão àqueles que contribuíram para o budismo estar até hoje nas sociedades e o segundo que dentre imagens de buda e seus seguidores, existe o espaço para homenagens aos falecidos e oferendas para aqueles que fizeram a passagem da vida para a morte de maneira física. Neste mesmo andar, também possui uma sala onde os participantes deixam seus pertences ao chegar no mosteiro, lugar de recepção e acolhimento, pois sempre há água ou chá para a chegada daqueles que vêm de perto ou longe. Nesta sala ainda possui uma estante cheia de livros com conteúdos diversos sobre o budismo, e um pequeno armário clássico e antigo, onde possuem camisetas do mosteiro, incensos e uma caixinha para contribuições diversas. Há também neste mesmo andar uma cozinha comunitária onde são produzidos os alimentos em época de retiro, mas não somente isso, a fabricação artesanal de pães integrais que fazem parte da renda mensal do mosteiro. Um banheiro e uma lavanderia comunitária estão neste mesmo andar; 3) há, por fim, o terceiro andar, com uma sala de meditação (imagem 5), sempre preparada para aqueles que chegarem para a prática, junto com um pequeno altar, que não reduz sua importância pelo tamanho, mas que sustenta a prática e as preces antes e depois das meditações. Neste mesmo espaço existe uma varanda com sinos, plantas e uma cisterna¹⁵ e outra sala no mesmo andar na qual equipamentos e roupas estão disponíveis para as atividades na comunidade, possuindo um banheiro e uma varanda com plantas que dá direto para o vizinho de trás.

¹⁵ Depósito ou reservatório que serve para captar, armazenar e conservar a água, semelhante a uma caixa d'água, podendo ser água potável, água da chuva ou água de reúso.

quanto monástica, o chamarei aqui de Monge D, em um dos encontros na inauguração do mosteiro pós *boom* da pandemia do coronavírus em que o mosteiro teve que ser fechado temporariamente, ele disse em uma roda de conversa sobre a importância e a intenção da volta presencial das atividades do mosteiro para todas as pessoas que se interessam e estão perto e, claro, para as que estão longe como eu, morando em outro Estado:

mas tamanha é a nossa vontade de nós chegarmos nesses lugares, que as pessoas cruzando aqui, inúmeras vezes que estivemos aqui desde o primeiro dia, para pra saber da boa nova, nós somos a boa nova, nós desejamos que eles entendam isso, que nós não estamos invadindo o lugar de ninguém, nós estamos contribuindo, com um espaço como São Paulo, tenha esse refúgio que é de todos e realmente é de todos e esse é o nosso esforço (MONGE D, 2022, informação verbal¹⁶).

Esse refúgio conta com diversas atividades dentro e fora do mosteiro, como por exemplo, a produção de pães artesanais (imagem 6) que também está incluída no pacote de desenvolvimento do Mosteiro e das pessoas que os fazem, uma iniciativa que gera renda e recursos para a manutenção do espaço e qualquer pessoa que se interessar pode fazer parte da produção, outra forma de praticar o zen. Sendo assim, é uma proposta oferecida ao bairro e as pessoas que se interessam pela ideia de se estar produzindo seu próprio alimento no meio da cidade de São Paulo de maneira artesanal e com um bom intuito de proporcionar tranquilidade e satisfação a quem faz e conseqüentemente consome. Digo isso, pois a prática budista não implica somente ritos e práticas religiosas, mas quando se percebe que a própria vida é sagrada e também profana, tudo o que se faz se torna uma oportunidade de praticar os ensinamentos de Buda.

¹⁶Fala de um monge de Porto Alegre, monge D, em março de 2022.

Imagem 4: Sala de entrada, no primeiro andar no mosteiro urbano zen Therigatha.



Fonte: registro de uma praticante da sanga Therigatha.

Diante disso, o mosteiro onde perpetua a tradição Soto Zen possui práticas que são realizadas há muitos anos e são repetidas até hoje e, mesmo que haja muitos movimentos atualmente que incentivam as pessoas a meditarem, pois traz calma, relaxa e faz bem para a saúde no geral promovendo o bem-estar, este mosteiro é regado da ancestralidade que percorre a Índia, a China e o Japão até chegar no Brasil e por consequência em São Paulo, por meio de mestres e mestras da tradição que se esforçaram para que o conhecimento adquirido por Buda em

suas práticas não fosse perdido ao longo do tempo, de modo que neste espaço é comum utilizar e recitar textos antigos como forma de transmitir os ensinamentos. Com isso, se faz presente o antigo em meio ao moderno da cidade grande e que resisti diariamente, pois não são todos os lugares que proporcionam essa experiência, a prática fiel e tradicional, com um frescor dos dias atuais e a vontade dos membros de construir um futuro melhor para as próximas gerações, através de suas práticas individuais e coletivas.

Pois bem, o estudo tratará desses assuntos, tentar compreender as motivações das pessoas que participam, do porque estão lá e fazem acontecer esse movimento, mesmo que pequeno aos olhos nus, grandes para quem o realiza, afinal, são anos de trabalho, projetos, desenvolvimento, tentativas e falhas, resistindo para poder existir, pois se resistir é ir contra a multidão que vive no automático e segue normas padrões ditadas pela sociedade, o mosteiro traz a toda a necessidade de parar, respirar e perceber o que de fato se está construindo para a própria vida e para os demais que habitam este planeta, quase sempre deixando uma questão no ar daqueles que praticam: o que estou fazendo nesta vida para que me sinta em paz e satisfeito com esta existência efêmera na Terra?

Por isso, é possível observar que a resistência não necessariamente implica na questão de lutar contra algo ou alguém de maneira agressiva ou impositiva, mas a simples forma de se manter viva a vontade de que o mosteiro cresça e ajude o maior número de seres, faz com que o fator existir por si só, demonstre a resistência do espaço e das pessoas que se comprometem e acreditam naquilo que realizam diariamente, no caminho budista, como sanga. Como já dizia Monge D:

essa prática do zazen que é uma prática de investigação de si mesmo e investigação profunda e investigação sincera, e a partir daí a coletividade só ganha, a sociedade ganha, o planeta ganha, quando nós conseguimos dar esse passo, todos nós estamos esperando que as pessoas façam essa identificação, então é muito importante lugares como este, lugares que possam nos acolher, possam nos receber e que saibam sempre, que estamos precisando dessa chegada, desse complemento, porque estamos sempre em falta e nós estamos montando esse mosteiro e todos vocês e essa renovação que se dá (MONGE D, 2022, informação verbal¹⁷).

¹⁷Fala de um monge de Porto Alegre, monge D, em março de 2022.

E como se pode ver neste último trecho do Monge D, a prática nada mais é do que começar a entrar em contato consigo mesmo e investigar o que há dentro de si. Afinal, ao passar dos dias, dos anos, são acumuladas experiências que podem acarretar cargas emocionais negativas, traumas ou frustrações na qual é necessário seguir a rotina do dia a dia sem parar para pensar como de fato certas coisas afetam internamente e externamente. Afinal, todos carregam pesos por simplesmente existir em meios sociais que demandam a produtividade.

Neste ponto vem a noção da importância de um espaço como este, pois como já dito por monge D, é um lugar de refúgio, acolhimento e autoconhecimento, que por consequência geram ganhos pra sociedade e para as próximas gerações, pois a partir do momento em que se disponibilizam para se conectarem com a própria mente e as emoções, é aberto um espaço para uma nova percepção da realidade, chamada vida real. Junto ao tempo e a prática, se abre a possibilidade de enxergar questões mais importantes e essenciais, que podem em si, serem respondidas ao longo da vida.

Imagem 5: Sala de meditação do mosteiro urbano zen Therigatha.



Fonte: registro de uma praticante da sanga Therigatha.

Por isso, junto a esta fala do monge D, que reforça e expôs a importância deste espaço para as pessoas, pois este ambiente junto a monja Wahô sensei, propõem a investigação de si mesmo na prática do zazen, o sentar em silêncio, a busca de si dentro de si, e a importância da prática dos ensinamentos budistas para quem se identifica. O mosteiro urbano zen, nada mais é do que um espaço para que

as pessoas possam se sentirem em casa, se refugiando em um ambiente que considero, a partir da minha experiência, haver um frescor da primavera em todos os cantos, como se fosse uma cerejeira típica japonesa e que ao dar suas flores, que por apenas alguns dias ficam abertas em puro esplendor, transmite a beleza, a simplicidade e abundância que uma simples casa, pode proporcionar por trabalhar com propósitos dignos e com esperança de um mundo melhor. Começando a partir das transformações pessoais daqueles que frequentam reverberando para o mundo, sendo em si, a famosa revolução interna.

Claro, pode parecer utópico, mas quando é possível enxergar pequenas mudanças em si e no próximo, é possível acreditar que o mundo em si pode ser transformado desde escolhas pessoais, através de uma maneira diferente de dar significado às suas vidas, por isso o trabalho e a prática são para sempre, pois nada acaba, simplesmente se transforma e deve sempre seguir tentando. Monge D ressalta reafirmando o sentido do mosteiro urbano zen budista Therigatha e a prática do sentar em zazen, meditar:

uma obra inacabada e talvez o desejo da sensei, o meu desejo e o desejo de algumas pessoas, é que ela nunca termine nunca, e que sempre fique sempre no desejo de nós continuarmos e insistir nesse caminho e nos comprometer a não abandoná-lo, porque é muito importante que estejamos lúcidos nesse momento mais do que nunca, nessas semanas próximas, esses dias próximos que a lucidez esteja presente pelas nossas ações e pelas nossas atitudes, sejam cada vez mais responsáveis por todo o planeta e não só com o espaço de terra brasileira, mas sim toda essa comunidade planetária, que realmente nós possamos nos comprometer com isso, de uma forma responsável, começar com essa investigação de si mesmo, nada mais é do que isso, a proposta de um mosteiro. (MONGE D, 2022, informação verbal¹⁸).

Nesse sentido, abordarei e tentarei transpassar o que pude observar, sentir e aprender acompanhando este coletivo nas saídas de campo e que se tornaram aventuras pessoais de autoconhecimento simultaneamente.

¹⁸ Fala de um monge de Porto Alegre, monge D, em março de 2022.

Acerca da linhagem que irei abordar neste trabalho, trata-se do budismo da tradição Soto Zen, na qual o mosteiro urbano zen perpetua os ensinamentos e seguem as práticas tradicionais em relação aos conhecimentos desta religião. E como referência histórica o

Templo Busshinji no bairro paulista da Liberdade tornou-se o primeiro ponto de referência para os intelectuais da época que, como em outros países ocidentais, sentiam-se atraídos pela prática da meditação bem antes que os integrantes da chamada “contra-cultura” desenvolvessem seu interesse por religiões orientais. (USARSKI, 2004, p. 311)

E talvez seja um reflexo intuitivo ou pensado, mas um ponto semelhante ao mosteiro urbano zen budista Therigatha é a diversificação de pessoas que constituem o coletivo, a sanga. Pois quem gerencia, ensina, constrói como atividade essencial da sua vida, é a Monja Wahô Sensei, nome recebido no momento em que iniciou sua jornada tornando-se uma monja budista. Esta mestra, com suas origens religiosas no judaísmo, não deixou, tampouco abandonou a tradição judaica, mas disse uma vez que o budismo foi o lugar onde pode ter mais clareza das experiências e situações em relação à vida e esse foi um dos motivos para seguir na busca e no compromisso de se tornar monja e ajudar a iluminar o caminho de quem se aproxima para escutá-la e sentir o magnetismo que existe em sua presença, em sua prática junto a fé de um mundo que pode sempre se transforma a partir das nossas ações, em um lugar melhor para todos aqui presentes e para as futuras gerações.

Aproveitei para trazer este ponto importante, que é a apresentação singela mas necessária de Wahô Sensei, que coordena junto a outras forças que a ajuda a realizar este espaço de prática budista, refletindo a abertura das portas do templo Busshinji no passado, para pessoas que não eram asiáticas, mas se interessavam pelas práticas de meditação e que, de certa maneira, rompe com a necessidade da nacionalidade, da língua, pois eventualmente isso pode gerar exclusão ao invés de acolher o maior número de seres na prática do zazen diário, considerando que a intenção é receber e acolher independente de quem seja, se for possível ajudar através dos ensinamentos e práticas, o coração e o caminho sempre estarão abertos.

Por isso, a partir das observações feitas, pode-se considerar um diferencial diante de lugares que simplesmente fecham as portas por quererem manter as práticas religiosas singulares, mesmo sabendo que a vida passa, tudo se transforma e que o tradicional não é anulado quando envolve novas perspectivas de se chegarem ao mesmo objetivo, no caso preservar os ensinamentos tradicionais da religião, o autocuidado que se implica na prática do autoconhecimento e o amor próprio. Só assim pessoas que tentam praticar esses hábitos pessoais um dia poderão praticar o mesmo na sociedade em que vivem.

Através da análise realizada foi possível constatar que a perspectiva apresentada no mosteiro urbano zen enfatiza que se cada um de nós tivesse tempo, oportunidades, condições financeiras para investir uma hora do seu dia para efetuar uma prática saudável, quiçá o mundo não estivesse girando a uma velocidade que muitas vezes, pessoas não conseguem lidar com esses tempos agitados e adquirem doenças, aderem ao suicídio ou muitos deles escolhem ou são diagnosticados com altos graus de ansiedade e depressão, por não saberem lidar com o movimento externa do mundo e terem que equilibrar com a velocidade interna dos próprios pensamentos e emoções.

Por isso São Paulo, uma grande cidade, repleta de diversidades, culturas e tradições, possibilita o encontro de diferentes pessoas, em um ambiente com finalidades distintas, mas que unem, “indivíduos de distintas categorias sociais que se reuniam para 'participar, ou "observar participando" de um evento específico.” (VELHO, 1994, p. 12) no caso do budismo, como Frank Usarski diz,

Se um geógrafo da religião tivesse que criar um mapa mundial para visualizar – com matizes de laranja, por exemplo - a presença de budistas em diferentes partes do mundo, a América Latina seria uma das macrorregiões graficamente menos salientes. (...) Seria necessária uma ampliação considerável para identificar uma área um pouco mais laranja no mapa. (...) Tratar-se-ia do Estado de São Paulo (...) Este ponto marcaria a cidade de São Paulo (USARSKI, 2013, p.83).

E como já diz, Gilberto Velho, antropólogo urbano brasileiro, “essa é uma das principais características das sociedades complexas - a coexistência de diferentes estilos de vida e visões de mundo” (VELHO, 1994, p.14). Isso possibilita a diversidade cultural inerente ao desenvolvimento humano, pois tudo que podemos

ver em volta que não seja animal ou vegetal, tem uma pitada do ser humano, e isso somente é possível por conta da variedade e diversidade da população mundial.

“Em outras palavras, a cultura, nos termos de Schutz, enquanto comunicação, não exclui as diferenças mas, pelo contrário, vive delas” (VELHO, 1994, p. 22) e neste caso do mosteiro, o diferencial está em ser um espaço zen, no meio de uma cidade caótica, no sentido de muito movimento, informações e desigualdades sociais explícitas, mas que por conta desses fatos, precisa de um espaço que acolhedor, e que se torna refúgio para aqueles que podem dispor de seus tempos, pois tempo é dinheiro em São Paulo e não são todas as pessoas que podem e têm o privilégio de estar ali para a prática do budismo, sendo ela individual porém em coletivo, na sanga Therigatha.

Portanto, o “individualismo moderno, metropolitano, não exclui, por conseguinte, a vivência e o englobamento por unidades abrangentes e experiências comunitárias” (VELHO, 1994, p. 27) que proporcionam paz, ou não, porque também podem entrar em conflitos consigo mesmo, ao enxergar aspectos difíceis de serem digeridos em relação a maneira em que vivem e se comportam no mundo, mas que também ao proporcionar este outro lado da moeda, os permitem trabalhar em aspectos difíceis mas que a longo prazo os libertam e curam de sentimentos profundos que podem levar para o resto da vida ou decidir deixá-los pelo caminho, permitindo que a caminhada seja mais leve.

Sendo assim, sigo contando um pouco sobre a história do mosteiro urbano, caracterizado por sua forma de se expressar na sociedade paulista, sendo umas das cidades mais movimentadas do planeta e que existe por diversos propósitos que vão contra a realidade de uma grande cidade e que resiste ao tempo e espaço, junto a tradição Soto Zen no Brasil.

2.3 THERIGATHA

O Mosteiro Urbano Zen Budista Therigatha, nasceu na região central de São Paulo no dia 19 de fevereiro de 2014 com a iniciativa da Monja Wahô, nome recebido ao se tornar pertencente da comunidade Zen Budista da tradição Soto Zen há mais de uma década, e que possui um significado particular em relação a suas características como ser humano e que ressalta qualidades que podem mostrar o

caminho para a realização de seus propósitos aqui nesta vida. A chamarei assim, sem entrar em detalhes mais particulares durante este trabalho.

Imagem 6: Therigatha, conhecida também como, montanha mulheres do caminho, uma possível tradução.



Fonte: registro da própria autora.

A Therigatha, antes de se tornar um espaço monástico na região de São Paulo, teve como local de surgimento inicial, um porão de uma casa também localizada na região metropolitana, na rua Arruda Alvim, em Pinheiros, mas que por ser menor era chamado de Sala Therigatha, onde ocorriam práticas tradicionais zen budistas iguais às que ocorrem no mosteiro urbano zen atualmente, mas que não possibilitava outras atividades que necessitavam de mais estrutura como por exemplo, a fabricação de pães artesanais na cozinha comunitária do mosteiro.

Imagem 7: Preparação dos pães artesanais no mosteiro urbano zen.



Fonte: registro de uma praticante da sanga.

Durante anos esse espaço foi mantido e reconhecido como local de práticas zen budistas, e como sonho ou melhor dizendo, força de vontade em aumentar esse ambiente para o maior número de seres possíveis, veio a oportunidade e a necessidade de trocar de residência, saindo do porão e indo para uma casa maior e com ótima localização para o acesso dos participantes e moradores do novo bairro, na rua Nestor Vitor, 14, no Jardim Vera Cruz em São Paulo. Em uma das entrevistas com um dos membros da sanga, é mencionado que por alguns motivos não muito explicitados, houve a necessidade de sair do porão e surgiu a oportunidade e empréstimo de uma casa por parte de uma pessoa pertencente da sanga, dona do imóvel, que possibilitou que a sala Therigatha fosse reconfigurada, e denominada um mosteiro urbano zen devido sua ampliação territorial, e o desejo de abrir este espaço de uma maneira a ser possível construir diversas atividades, não somente, como local de meditação, mas que as práticas budistas pudessem se transformar nas ações integrais de um mosteiro, como já mencionado, a participação na cozinha comunitária, cerimônias de passagem para aqueles que faleceram, envolvimento em outras atividades sociais na qual o mosteiro participa, como a composteira urbana que existe nas proximidades do mosteiro.

Imagem 8: Praticantes da sanga Therigatha preparando Yakissoba no fim de semana da reabertura oficial do mosteiro pós pandemia.



Fonte: registro de uma praticante da sanga.

Sendo assim, este espaço é considerado importante para aqueles que frequentam e para aqueles que o conhecem, pois não é somente de tradição que o mosteiro se funde, mas de ações e propostas que vão além do próprio mosteiro físico, baseados nos ensinamentos budistas e nas possibilidades que o ser humano

pode realizar através de ações, junto aos ensinamentos fundamentais da tradição budista, sendo ele então, um local de manifestação da vida humana e o que o budismo ensina. Por isso sigo nesta pesquisa, rumo a demonstração através de falas e relatos dos participantes nas entrevistas e das anotações do caderno de campo, em relação a importância deste espaço para os praticantes e curiosos que se interessam pelo assunto.

3 IMPORTÂNCIA DO MOSTEIRO PARA AS PESSOAS E PARA SÃO PAULO

Inicialmente, pontuo a relação do mosteiro com a cidade e com os participantes da comunidade budista na metrópole, mostrando a importância deste espaço para os praticantes, em meio a uma sociedade de tamanho individualismo, há um espaço coletivo e de respeito mútuo, que visa o autoconhecimento e bem-estar. Nada romantizado, mostrando que a prática é muito além do que se pensa a olhos nus de um templo budista. E que também colabora para uma melhor vida em meio ao caos de uma grande cidade como São Paulo. Essas pessoas se ajudam, se refugiam e seguem sendo seres humanos comuns lutando suas batalhas diárias para poderem descansar no fim do dia como qualquer outra pessoa. Nada muda, mas tudo se transforma a partir de um novo referencial proporcionado e oferecido diante dos ensinamentos de Buda compartilhados pela Monja Wahô e os demais praticantes.

Início, portanto, o compartilhar das entrevistas e momentos em meio ao mosteiro urbano zen, com os relatos dos participantes e áudios gravados em meio a discussões saudáveis em relação a sanga Therigatha e meus registros de caderno de campo, para demonstrar a partir das experiências vividas pelos praticantes e minhas observações, como é este lugar e como lhes afetam, junto a sua importância para São Paulo e seus moradores que ali frequentam, como destaca a Monja Wahô:

É que a vida é mundana né, quando a gente valoriza, quando a gente tá num lugar de prática e como a gente muitas vezes a gente não faz isso na vida, não trata a vida com esse, com o sagrado que ela é, então que a gente pudesse ter esse espaço, como um espaço pra praticar isso, né, pra entender isso, na vida, então aqui a gente faz tudo que a gente faz na nossas casas. A gente prepara pra receber, a gente limpa a casa, a gente prepara chá, limpa o banheiro, a gente tenta cuidar da planta, varrer a calçada, tudo que você pode fazer na sua casa, no seu dia a dia e que a gente trata, coloca o coração nesse lugar né.

Então a ideia sempre foi de ter um lugar que pudesse ser o lugar de plenitude, na cidade, lugar que você entra aqui e pega uma vibe diferente, que o tempo seja outro tempo, seja o tempo que Dogen sama, o mestre fundador da nossa ordem, que o tempo é existência, não é esse tempo do relógio cronológico, é o tempo da nossa vida, nós estamos aqui agora e eu chego aqui e faço o que deve ser feito e não o que eu quero fazer. Então

tem muita oportunidade da gente desconstruindo esse eu quero, eu gosto, eu prefiro, né. Então esse é o lugar pra gente se permitir viver isso, treinar isso, e a gente treina aqui e vai treinar. Como eu falo nos retiros a gente vem e faz o retiro, vai trabalhar, volta e vem pro retiro, nos retiros de mais de um dia, e uma hora não tem eu venho pro retiro e vou embora do retiro, não tem mais, né, todo o seu dia é a prática e você começa experimentar isso na sua vida, e não algo só que a gente lê dos mestres né, a gente se inspira neles, é importante que haja.

Tem um sutra que fala “mente não se expressa em palavras, mas ela encoraja aquele que procura”, então a gente precisa desses grandes mestres, e reler e conhecer, mas a gente tem que experimentar né. Então esse é um lugar para que a gente possa experimentar isso, e enquanto mais a gente entra e sai, entra em sai, a gente fica menos tempo nessa dualidade, né, mas pra isso a gente precisa vir, a gente precisa praticar, a gente precisa estar aqui e a casa é um espaço pra isso, esse espaço é todo pra isso, então agora a gente tá no momento de retomada, minimamente pós pandemia e que cada um, eu peço assim, pra todo mundo que vem, abra esse espaço em si né, porque esse mosteiro somos nós, não é o prédio, um prédio vazio não é nada. Então a gente precisa de pessoas aqui pra gente se provocar e sair da nossa zona de conforto, porque senão a gente fica naquilo que é agradávelzinho pra gente, então como eu me provoco a mudar de lugar? ou pra vários lugares? Ficar buscando segurança, controle o tempo inteiro em tudo, mas é um lugar, quando a gente fala da sanga, essa comunidade é um lugar onde eu posso me lançar, eu posso me entregar porque eu confio que são pessoas que estão no caminho, que também estão se dispondo a isso. Então é mosteiro, mas não é o mosteiro que a gente criou mentalmente, é o mosteiro que a gente vai ter que construir em nós, o convite é esse. (WAHÔ, 2022, informação verbal¹⁹)

O convite desta construção interna, hipoteticamente falando de um mosteiro interior, vai além disso, é um chamado individual para que algumas perguntas existenciais sejam respondida e que todas as pessoas possuem essas indagações, mas não são todas elas que escutam, ou param para observar o que está acontecendo de errado em suas vidas, afinal, geralmente, não são momentos bonitos e alegres que fazem com que o ser humano em si busque por respostas,

¹⁹ Fala da líder espiritual do mosteiro urbano zen Therigatha, monja Wahô sensei, em março de 2022.

mas sim, sofrimentos que geram aflições e para aqueles que possuem forças para movimentar e querer mudar, recebem uma oportunidade quando encontram e simpatizam com um espaço como o mosteiro,

Monja S: Porque na verdade... ninguém vem aqui porque tá bem, sabe? no mínimo tem alguma inquietação, eu não cheguei no darma porque eu tava bem, eu tava inquieta, alguma coisa tava acontecendo na vida da gente... Então a gente vai buscar, porque tá precisando de algo e de repente ao invés da gente ir pra algum lugar pra buscar, a gente vai pra dar também e isso vira a roda, mesmo a gente andando no mundo buscando coisas que nos equilibre, coisas que nos ajude, a gente começa de repente, o que eu posso oferecer pra ajudar esse mundo? Quando eu ajudo o mundo o mundo me ajuda também, enfim, eu sou parte desse mundo que precisa de ajuda, então o que eu ofereço? O que eu ofereço pro mundo eu tô oferecendo pra mim também.

Então tem esse olhar pro lugar, pra comunidade, pra todos e essa vontade é como samu²⁰, de servir mesmo. Se tu vai com esse espírito de servir você descobre uma força interna que ajuda muito mais a ti mesmo. (MONJA S, 2022, informação verbal²¹)

Com isso, é possível compreender que não são somente momentos felizes que vive o ser humano, todas as pessoas passam por dificuldades, cada uma com o seu grau, afinal, seria injusto comparar o sofrimento de pessoas diferentes, com realidades e perspectivas de vida distintas. Mas é certo, de que todo o ser humano sofre por algo, eu estava sofrendo quando encontrei este espaço, e são nesses momentos mais drásticos, ou simplesmente difíceis de lidar sozinho, é que se houver sorte e condições financeiras para abdicar de seu tempo e ir em busca de si mesmo em um mosteiro urbano zen, é possível encontrar um espaço de práticas religiosas que visam o autoconhecimento e o retorno para o agora, sem passado e nem futuro. Com isso as aflições diminuem ao ponto de que quem pratica doa de sua energia para servir o mosteiro e as pessoas que ali estão presentes, e por consequência recebem de volta de alguma maneira, sem expectativa de ganhos, um espaço que promove a ideia de que servir, é também receber, como se fosse um

²⁰ Samu é a participação no trabalho físico necessário para manter o mosteiro Zen.

²¹ Fala de uma monja praticante do zen budismo de Porto Alegre, Monja S, em setembro de 2022.

jogo da vida, a abundância que o ser humano pode criar para suas vidas, a partir de trabalho e doação.

Pois o trabalho é diário, e a vida é o próprio presente que se pode receber em troca. Nesse sentido, Yorin uma praticante antiga na Therigatha, que fez os votos budistas, sendo assim, foi ordenada discípula leiga e aceitou na cerimônia oficial denominada jukai²² o nome citado acima, que representa características pessoais escolhido pela Wahô sensei, opina que:

Você ter uma prática pra 24 horas do seu dia, seu dia ser uma prática, porque essa historia de voce ir “prum” lugar cuidar do espiritual e sair pro mundo e cabo²³, é meio esquisito né, e eu acho que é importante que a prática se estenda pra nossas vidas, não só o acolhimento na sanga, mas que a gente tenha essa prática, que acompanha todos os dias e todos os dias poder estar aqui pra uma prática, não é só um ritual, não é só o zazen, é toda essa prática, prática de casa, prática de mosteiro, da composteira, da cozinha e da vida, compartilhar essa vida, de poder fazer alguma coisa melhor nesse mundo, é isso. (YORIN, 2022, informação verbal²⁴)

Por isso, estar presente, no agora, é literalmente um presente que uma pessoa pode se dar, pois assim, lida melhor com os desafios que surgem. Afinal, aprende a se conhecer em mais profundidade, estar mais atento e sentir as sensações que transpassam o corpo em determinadas situações, ver a vida como ela é, faz parte do processo contínuo. Por exemplo, em um momento de raiva ou ansiedade, seja qual for a emoção, fica menos difícil de lidar quando sabemos identificar, mesmo que seja sempre desafiador, o primeiro passo foi dado, reconhecer o incômodo. Porém, isso não quer dizer que as pessoas não agem em relação às situações, mas o que é ensinado na prática de zazen é, respirar para não reagir de forma impulsiva a situações que antes da prática, fariam sem pensar, ou se não, fazem sem pensar, mas em algum momento surge uma reflexão do que ocorreu. Mas como isso acontece? Simplesmente sentado em zazen ou respirando conscientemente, que seja em sua casa, no trabalho, no metrô. Observar os próprios fluxos de pensamentos e os deixar passar. Com o tempo de prática, é

²²A Ordenação Budista Leiga refere-se à cerimônia pública de ordenação em que um seguidor leigo do Zen Budismo recebe os preceitos budistas.

²³ Mesmo que acabou.

²⁴ Fala de uma praticante do mosteiro urbano zen Therigatha, Yorin, em setembro de 2022.

ensinado a respirar a vida, observar os incômodos e abraço-los, ou simplesmente deixar a emoção transpassar pelo seu corpo, e assim com o tempo, é possível ter um mínimo de controle de algumas impulsividade que os seres pensantes possuem, quando não param, respiram e observam aquilo que os afetam de forma positiva ou negativa a cada instante da vida.

Por isso, para que vocês leitores compreendam melhor, o que de fato é a prática e como este espaço acolher as pessoas, compartilho esse trecho da gravação em áudio de um encontro da sanga Therigatha no dia em que o mosteiro retomava oficialmente todas as atividades, pós pandemia de maneira presencial e Seiho um dos praticantes da comunidade explicou sobre a sua experiência no mosteiro urbano zen:

Comecei a frequentar a sanga no online, muitas pessoas eu não conhecia pessoalmente também. Super feliz que monge D e monja S estão aqui também, que foi parte do meu caminho pra chegar até aqui.

Compartilhar disso que vocês estão falando, de que eu acho que esse lugar de refúgio mesmo, mas eu acho também que a gente idealiza um pouco o que seria esse espaço de refúgio e conforto, eu acho que ao longo da semana ou quando eu tô em casa, eu fico sempre tentando retomar a prática, assim né e me conectar com a sanga e me reconectar com o darma pra isso assim. Mas o que eu sinto quando eu to muito tempo sem vir num espaço e depois quando eu venho aqui, é que fosse como a gente esta de longe a gente ta o tempo todo me nutrindo, pra ver como essas coisas conseguem nutrir a minha pratica, e ai quando você chega aqui (no mosteiro) a sua prática sai do foco, não é mais a sua prática que importa, porque você vê a sua prática, mas você vê o colega do lado ta com mais dor que você, você vê que tem uma coisa pra ser feita que não era o que você imaginava e é isso, naturalmente sua prática sai do foco e quando ela sai do foco, ela acontece, é como se eu tivesse de longe tentando me conectar, é um refúgio também, mas é como se tivesse essa idealização, sempre e como é recorrente, tipo, a cada semana eu tô, e eu tô no trabalho com um frenezi muito grande, eu fico idealizando o lugar do mosteiro e cada dia que eu chego aqui (no mosteiro) eu tomo um tapa na cara, porque não é esse lugar de paz que a gente idealiza de chegar lá e simplesmente, sei lá, você chega e vai lá limpar todos os armarios e não senta em zazen.

Das últimas vezes que eu vim, eu não sentei em zazen, mas eu volto com um contentamento gigantesco pra casa, então eu acho que é como, é um refúgio mas como a gente idealiza esse lugar de refúgio né, é um refúgio,

mas talvez não é o refúgio que a gente idealiza como lugar de tranquilidade, calma, é uma paz que é maior que essa, então vem uma frase que a gente sempre lê do texto dos preceitos, Berlin Glassman, que ele fala que “as coisas acontecem, quando a gente perde toda e qualquer ilusão de ir em um lugar de descanso”. Como se o verdadeiro descanso está quando a gente acaba com qualquer ilusão de que a gente vai chegar em um lugar de descanso. Então que esse lugar seja um lugar de refúgio, mas não esse lugar idealizado que você acha que vai chegar lá e vai tá... enfim.”(SEIHO, 2022, informação verbal²⁵)

Seiho, praticante jovem na comunidade, mas de tamanho entusiasmo pela prática contribuiu imensamente com seus relatos e diante desta fala junto a outras de tamanha importância, mostrou que a prática em si nada mais é, do que realizar tarefas que não implicam diretamente com o sentar em zen, o zazen, mas que são de tamanha importância para a limpeza dos espaços internos e externos, como já mencionado acima em uma frase da monja Wahô, quando diz que o espaço do mosteiro, não é um local apenas físico, mas que se cria dentro e fora daqueles que participam na comunidade.

Nas observações realizadas, observou-se o ensinamento oferecido no mosteiro de que é como se o praticante ao limpar uma sala de meditação, por exemplo, limpasse alguma sala interior dele mesmo, e isso proporciona paz, alívio e bem estar. Pois no momento em que o precisar sobrepõem o querer, a pessoa entende que a vida às vezes é mais simples do que se pode imaginar, dando sentido a coisas que podem parecer banais, como a limpeza de uma sala, e tirando o sentido daquilo que as vezes parece ser o essencial, mas que não necessariamente é. Por experiência própria, em algumas das vezes que fui ao mosteiro com a intenção de observar certas coisas, ou com uma ideia do que seria possível estudar naquele dia, a partir do momento em que eu entrava nele, tudo se dissipava, pois quando eu pensava em fazer alguma pergunta ou qualquer outra coisa na oportunidade de aprender algo ou tirar uma dúvida sobre a própria tese, sempre alguma coisa me desviava do tema e eu tinha que ir varrer a calçada ou organizar alguma parte importante para algum acontecimento do dia. Isso me ensinou muito, porque eu comecei a ir sem pretensões e naturalmente tudo acontecia da maneira que deveria ser.

²⁵ Fala de um praticante do mosteiro urbano zen Therigatha, Seiho, em setembro de 2022.

Com isso cada participante da sanga, diante de seus esforços em suas práticas individuais e coletivas, se aprofundam cada vez mais dentro de si, e umas das maneiras de intensificar este processo, sem a necessidade de acelerar mas ir mais a fundo de questões pessoais e mundanas com sutileza, são com os retiros conhecidos também como sesshin em japonês, uma prática comum nas comunidades budistas da escola Soto Zen, e que está incluso nas atividades regulares da Therigatha. E com a ajuda de um trecho importante para a compreensão deste trabalho, compartilho o momento pós retiro de sete dias no qual tive a oportunidade de participar integralmente, onde um dos praticantes, deixa uma mensagem simbólica para a sanga diante de sua compreensão daquilo que é para si o mosteiro urbano zen. O chamarei de praticante H:

Foi (é)lindo, foi (é)inspirador, foi e (é) doloridinho, às vezes, como a vida (é)! Gassho²⁶ Sensei é esse espaço comum que está sendo construído em cima da cidade que cada vez mais vai no sentido oposto do individualismo e da performance da vida plataformizada. É um espaço de compaixão, resiliência e resistência social baseado nos ensinamentos daquele que foi além da mente discriminatória e dividida. Este espaço é o enxergar o eu no outro e o outro em mim até que sejamos uno. Gassho profundo e mérito incontáveis. Agora vou ali cortar a grama e lavar os copos sujos. (PRATICANTE H, 2022, informação verbal²⁷)

Observou-se, nesse sentido, através das análises de relatos, que os praticantes se unem pelo zen budismo, mesmo que existiam muitos outros fatores da vida, aspectos humanos e sociais que fazem esta união ser possível e necessária. Pode-se perceber que tanto para as pessoas, quanto para a natureza que está intrínseca a todos os seres e por consequência a vida que preenche diariamente até que a morte transforme o corpo material. Por isso, fica claro que os ensinamentos ajudam os praticantes a passarem por essas experiências, e que o budismo ensina a aproveitar cada momento da existência, pois tudo passa, inclusive as oportunidades para a transformação individual e coletiva nas sociedades. Essas, que hoje colhem o fruto da ganância em diversos âmbitos e que se faz presente diante de todas as mudanças climáticas, desigualdades socioeconômicas e

²⁶ Cumprimento que expressa respeito e reverência.

²⁷ Fala de um praticante do mosteiro urbano zen Therigatha, praticante H, em dezembro de 2022.

culturais, dentre muitos outros aspectos de relevância para o seguimento da vida em harmonia e que salientam a importância da mudança do pensar a vida da Terra. Em um dos ensinamentos propostos e que consta no verso Han no ge, adaptado da obra Shobogenzo de Mestre Dogen – Fundador da Escola Soto Zen no Japão, diz:

Vida e Morte são de suprema importância
Tempo rapidamente se esvai e oportunidade se perde
Cada um de nós deve esforçar-se por despertar
Cuidado! Não desperdice esta vida (VERSO, [20--], p.1).

A mudança parte do ponto em que se nota a má qualidade de presença nos atos cotidianos da vida de cada indivíduo, uns mais, outros menos. E pelo o que pude observar nos momentos em que estivesse no mosteiro urbano zen em companhia de seus praticantes, é que, são em tarefas simples, deveres de casa, atividades tradicionais de um mosteiro urbano zen, que se identifica a pura presença, aquela que é atenta, aberta a falhas e erros, afinal, para aprender deve-se errar, e que está expresso, no fazer de coração, se entregar e dedicar daquele tempo, que é pura vida, em dar o melhor de si, para lavar uma louça, secar e guardar, com atenção plena por exemplo. Essas são algumas das oportunidades que vivenciei no mosteiro, realizar tarefas rotineiras, mas com a qualidade de presença, expressa em cada gesto com atenção, objetivo e foco, naquilo que está efetuando. Tudo isso para dizer, que o “não desperdice esta vida” do trecho referenciado acima, diz mais sobre, aproveitar o tempo que está vivo independente se está realizando um sonho de viagem, ou lavando o banheiro de sua casa, pois nada mais, nada menos, é vida que está disponível, e tudo importa, tanto o sonho realizado, quanto a limpeza do banheiro.

Por isso, não desperdiçar a vida, é mais do que um alerta, é um chamado para voltar para dentro de si, e compreender quais são as possibilidades diante das oportunidades que existem ao redor que podem trazer satisfação pela vida e felicidade junto a isso. Pois essa é uma chance de poder mudar e escolher percorrer um caminho mais leve e em outros momentos, mais pesado, faz parte, mas nunca parar, pois nada nunca está parado, e as oportunidades se vão. Por isso cabe a cada ser vivo nesta terra, despertar para aquilo que importa e ter forças para seguir

seus objetivos mesmo que apareçam dificuldades no caminho. Pois como disse um dos praticantes em uma das entrevistas,

Eu ainda quero, ainda procuro bastante intensidade, eu não tenho tanto interesse que a prática me tranquilize, ou que me deixe mais centrado. Eu quero só conseguir me lembrar de que as coisas não são pra sempre, e quero construir uma maneira de estar no período extremamente bom e estar no período extremamente ruim, eu não quero exatamente o equilíbrio, eu quero, eu não sei exatamente o que eu quero, mas eu quero desenvolver a capacidade de estar no inferno quando eu estiver no inferno e estiver no céu quando eu estiver lá também. (DOSHIN, 2022, informação verbal²⁸)

E diante desta fala, gostaria de demonstrar que o Zen, a tradição budista, não cria uma atmosfera pacífica pelo fato de negar as partes negativas da experiência humana. Pude perceber ao estar presente na comunidade, que aqueles que pensam de uma maneira somente positiva em relação a prática, que envolve a vida no geral, em algum momento, percebem, que a vida não é feita somente de coisas agradáveis e macias, existem momentos difíceis e complicados durante o caminhar, mas isso não anula o fato de estar ciente daquilo que está acontecendo e continuar, da maneira que for possível, para enfrentar certas batalhas. Como citado acima, cada um possui um objetivo quando inicia na prática, mas muito deles abandonam esse tal objetivo, pois a prática não tem ganhos, simples assim, o que se ganha, é a compreensão da realidade, nada mais, e assim, vem a possibilidade de mudar a forma de pensar e agir, mas nunca ninguém disse, que seria fácil.

Geralmente a Wahô, nossa sensei, diz que na prática a gente não pode esperar nada dela, porque ela não é algo que dá um retorno. Como diz Buda, não é sentar e esperar ganhar algo, é algo de graça, então já é um desafio você para uma hora do seu tempo sem troca de ganho nenhum né. Mas pra mim trouxe muita disciplina, a ansiedade ajuda bastante, inclusive eu me medicava agora não me médico mais, e eu tenho plena certeza de que vem do sentar em zazen, de fazer parte da sanga, dessa família e de ter eles como exemplo né, porque é todos os dias que eles estão ali, então isso motiva a estar ali também, e é isso, eu sou bem feliz praticando zazen

²⁸ Fala de um praticante do mosteiro urbano zen Therigatha, Doshin, em fevereiro de 2022.

com a família budista, com a sanga e tenho muito orgulho. Fez toda diferença na minha vida.” (ARÍO, 2022, informação verbal²⁹)

Sendo assim, pontuou aqui a importância do mosteiro urbano na cidade de São Paulo, sendo referência de refúgio, para aqueles que querem entrar e parar um pouco no tempo, entrando em outra atmosfera mesmo estando no meio dos caos de cidade grande e da própria vida. Sentindo-se acolhido por aqueles que já encontraram o caminho e que estão ali porque sabem da importância de um coletivo, de uma sanga e que hoje possuem a oportunidade de compartilhar para o maior número de seres que estiver disposto a conhecer o caminho do meio³⁰. Pois a vida não é feita de sofrimentos apenas, e desapegar dessa ideia, traz a possibilidade de recomeçar, em busca de uma realidade com mais contentamento. Como disse monja Wahô:

porque a gente piscou, a gente pende né, a vida é fluida né, então quando eu falo do caminho do meio, não é que eu vou achar o meio e vou caminhar nesse meio. Então o treino é cair né, é transitar, é caminhar com alegria, com contentamento e com responsabilidade das tuas ações, das nossas escolhas. Por isso o dedo que aponta pro outro é você, então quando a gente começa a olhar muito pro outro e falar coisas e apontar, é você. (WAHÔ, 2022, informação verbal³¹)

E nisso surge a oportunidade de mudança, de compreender que não é o outro que comanda sua vida, e sim, você. E que todos podem cair em algum momento, mas se cair sete, levanta oito vezes e segue, como diz Wahô, esse é o trabalho diário do ser humano e por isso a prática é para sempre.

Portanto, seguindo para o último capítulo desta monografia, irei apontar fatos da investigação acadêmica, com o propósito de sustentar a ideia de que o mosteiro urbano zen Therigatha pode ser considerado um espaço que resiste ao tempo e espaço da sociedade paulistana.

²⁹ Fala de uma praticante do mosteiro urbano zen Therigatha, Arío, em janeiro de 2022.

³⁰ O caminho do meio refere-se à visão iluminada do Buda sobre a vida, assim como as ações ou atitudes que podem criar felicidade para si e para os outros; está baseado no esforço contínuo e dinâmico para aplicar a sabedoria budista nas questões e desafios da vida e da sociedade.

³¹ Fala da líder espiritual do mosteiro urbano zen Therigatha, monja Wahô sensei, em setembro de 2022.

4 MOSTEIRO URBANO ZEN BUDISTA E SUAS MANEIRAS DE RESISTIR AOS SISTEMAS

“En todas las profecías esta escrita la destrucción del mundo,
Todas las profecías cuentan que el hombre creará su propia destrucción,
Pero los siglos y la vida que siempre se renuevan,
Han creado también una generación de amadores y soñadores,
Hombres y mujeres que no soñaron con la destrucción de mundo,
Sino con la construcción del mundo, las mariposas y los ruiseñores”³²

Inicio este último capítulo com este trecho de Gioconda Belli, poetisa e romancista nicaraguense, que traz à tona dois tipos de pessoas que existem no mundo, e após este estudo junto a análises, considero que a sanga e os membros dessa comunidade podem ser considerados os *soñadores*³³ de um mundo melhor.

Resistir para existir, a ideia de que a existência parte da ação, por tanto o ato de realizar aquilo que há dentro de si, colocando para fora e materializando ideias. Mas para que isso ocorra, deve-se conhecer a si mesmo para saber o que é capaz de realizar no mundo visando o bem comum. Vejo que esse é um dos propósitos da monja Wahô, que por estar no caminho do zen budismo há muitos anos, pode olhar em profundidade para suas necessidades humanas e saber o que será melhor para si e para o mundo que a rodeia, por isso a criação deste espaço em meio a São Paulo, um mosteiro urbano zen, um sonho e o compromisso com a vida de todos os seres aqui no planeta Terra, de criar um local físico que possa refletir o melhor que há dentro dela e perpetuar os ensinamentos budistas para os demais.

³² Poema: Los hacedores de sueños de Gioconda Belli.

³³ Sonhadores na língua espanhola.

Sigo então, com trechos de uma conversa inesperada, porém, necessária e importante para a compreensão de outra maneira em que o mosteiro se expressa como espaço de resistência sociocultural na cidade de São Paulo, cedida pela praticante da sanga, Lucia Helena Vitalli Rangel, cientista social e professora na área da antropologia na PUC - São Paulo, também conhecida como Myoshin, nome recebido na sanga Therigatha,

Myoshin: A sanga se mete em um monte de coisa. Tava em plena pandemia gente morando na rua, aí o padre Júlio Lancelotti, fazendo comida cuidando do povo de rua, e a gente começou a fazer comida e entregar pra ele, uns Yakissoba.

Eu: Pro padre?

Myoshin: É, pro grupo.

Eu: Pro movimento?

Myoshin: Vinha um cara deles pegar e também entregava pra uma comunidade ali no bairro e isso foi uma atividade assim muito gostosa de fazer, muito boa de fazer.

Eu: E você considera essa atividade...?

Myoshin: De resistência também, colaborar com o padre pra bancar um pouco o conforto de quem tá morando na rua.

Eu: Eu tenho uma certa dificuldade em compreender a questão da resistência, porque eu sei que a questão do resistir é você ir contra ou fazer ações que vão alimentar propostas que às vezes vão contra as normativas sociais.

Myoshin: É.

Eu: É?

Myoshin: É. E então, o que é você fazer comida pra gente que tá na rua?

Eu: Enquanto o governo tá matando um monte de gente.

Myoshin: Isso, o governo tá matando e você tá tentando alimentar. O padre Júlio Lancelotti ele é um exemplão assim, né.

Eu: Da igreja católica?

Myoshin: É, ele é o coordenador da pastoral dos chamados "Homens de rua", que fica ali a sede, no Brás, no Pari e na Praça da Sé. E daí, enfim, tem muita gente morando na rua em São Paulo, muita, muita, muita. Daí, tinha um viaduto ali mais pra zona leste e o pessoal tava morando ali embaixo, fazia uma bela cobertura pra essas chuvas, e um belo dia o pessoal da prefeitura chega e começa a colocar concreto, fazer uns ícones assim...

Eu: Como se fosse umas lanças né.

Myoshin: *É como se fosse umas lanças, e aí chamaram né, o pessoal que morava ali chamaram o padre né, não teve dúvida, ele já foi de picareta³⁴, chegou lá derrubou. Aí o pessoal ajudou e todo mundo foi ajudar a dar martelada, picaretada e tal, tirou tudo e aí ele falou, agora quero ver quem que vem botar aqui outro concreto desse, eu não saio daqui, né. Então ele faz essas coisas, então eu acho que, quando a gente faz alguma coisa pra ele, é uma forma de resistência. E entender que no momento, a barra estava muito pesada, e ainda tá né, muito pesada.*

Eu: *E a tendência é dar uma continuada né até estabilizar em algum momento.*

Myoshin: *Sabe se lá né.*

Eu: *É difícil né, pensar em estabilizar, eu sempre lembro muito daquela metáfora que acho que é a Charlotte Joko Beck fala da lâmina, que a gente caminha sobre a lâmina, a gente faz como se fosse um malabari na lâmina, um malabarismo andando em cima da lâmina. (MYOSHIN, 2022, informação verbal³⁵)*

Talvez estabilidade não seja algo que um dia, quem pratica alcançará, diante de todos os relatos e da minha participação ativa nas atividades da comunidade, pude perceber através das falas dos praticantes e das minhas experiências, que chegar a um ponto de equilíbrio na lâmina da vida, é desafiador e perene. Existem momentos no qual as pessoas chegam em um nível de satisfação e bem-estar, gerando felicidade, mas é algo que necessita trabalho e mais trabalho, seja ele no campo profissional, intelectual, espiritual e no se relacionar. A questão é, que para obter o equilíbrio é necessário movimentar, praticar. Pois é como a metáfora da bicicleta, no qual, se você aprende a andar, você percebe que movimentar gera equilíbrio, mas se você parar com os pés apoiados na bicicleta, será quase que impossível se manter por muito tempo desta maneira, até que um pé toque no chão.

O que quero dizer, é que na sociedade em que os paulistanos vivem, onde tempo é dinheiro, criar um espaço onde existem práticas que resistem a um padrão social comum gerador de desigualdades diversas, é como andar na lâmina da vida, sempre haverá de ter movimentos pró a inclusão, pró ao amadurecimento pessoal, criando possibilidade de enxergar novas perspectivas para a vida, tanto de si, quanto dos que estão ao redor e que sofrem por algum motivo. E com um trecho da

³⁴ Ferramenta para cavar, fazer valos em terrenos compactados, quebrar e arrancar pedras.

³⁵ Conversa com uma praticante da sanga Therigatha, Myoshin, em dezembro de 2022.

entrevista da praticante Arío é possível compreender a importância dos atos socioculturais que este espaço realiza diante das possibilidades e recursos,

Eu vejo que pode parecer até uma contradição, o budismo pedir o desapego e a maior parte da sanga ser estruturada financeiramente, mas como você mesmo falou é em São Paulo, e a gente não consegue viver sem dinheiro, ninguém consegue, então tá todo mundo inserido no capitalismo, mesmo não querendo né, e vejo que eles transformam no lado positivo, porque eles praticam rola a prática e também as ações sociais, e se eles não tivessem condições financeiras, não haveria ações sociais, então de certa forma eles transformam tudo isso que ganham e que trabalham em projetos sociais que é voltado para o público menos favorecido. Então eu acho tranquilo, assim, é bem exemplar até, porque nem todos fazem isso, São Paulo é tão grande e se todos fazer um pouquinho disso, já seria bem melhor.

Por isso, um espaço necessário, o budismo abre o olho para o outro também, não só pra si mesmo, então te tira desse egocentrismo que a sociedade e o capitalismo impõem. (ARÍO, 2022, informação verbal³⁶)

Portanto o mosteiro zen resiste a uma maneira de pensar, onde o coletivo traz a tona questões importantes a serem refletidas em relação às carências da sociedade paulistana, e abrem os olhos para as necessidades dos que mais precisam, já que há diversas maneiras e possibilidades para contribuir, com isso, agem pró aquilo que acreditam ser correto e acessível.

Compreendo que o círculo de pessoas na qual se vive, influencia e motiva as ações na vida, por isso, é importante escolher grupos na qual você se inspirar para transformar a realidade, se não está do seu agrado, pois o que de fato importa é a maneira na qual você escolher existir no mundo, e no que enxerga como possibilidade de crescimento pessoal, e de investimento na vida para a vida, junto a mais pessoas. E para quem gosta de socializar, fica menos difícil enfrentar os desafios mundanos junto a um coletivo que pensa de maneira parecida e ao mesmo tempo com diversas diferenças, e que neste ponto ocorre o fortalecimento do grupo e a criação de diversas maneiras de se pensar o zen na cidade e nas próprias vidas.

Neste espaço é possível notar que com pequenas práticas individuais e coletivas, pode-se caminhar com mais convicção, do que cada indivíduo pretende se tornar futuramente, iniciando em seu presente momento, mudanças micros, que um

³⁶ Entrevista cedida por uma praticante da sanga Therigatha, Arío, em janeiro de 2022.

dia, quem sabe, se reverberarão ao macro. Doshin praticando leigo da comunidade, explica da seguinte forma:

Por exemplo, lá a gente capta a água da chuva, para a cisterna, pra reduzir nosso impacto, pra manter essa atenção plena, com o meio ambiente, com o cuidado do espaço, não ter um comportamento destrutivo pro mundo. E a gente sabe que isso não vai impedir que a plantação de soja do centro oeste destrua os aquíferos, mas mesmo que seja para tudo dar errado e ficar uma seca, um apocalipse, essa sensação de que a gente tá caminhando de uma maneira e coerente pra gente, independente de como o mundo se apresente, se você estiver numa caminha coerente, ainda seja pra tudo dar errado, pra gente perder no macro, a vida tá organizada, a vida está tendo o seu valor. Então eu acho que é um espaço a oposição em relação a como está o mundo, e é a presença no sentido de que a gente não precisa ser levado do mundo mesmo que a gente seja a maioria, que elas não sejam transformadas pela nossa prática de uma maneira objetiva, a gente pode viver de outra maneira, e se a gente quiser ser mais desapegado, e bater de frente com esse mundo, pelo menos a nossa vida, a gente transforma, a nossa vida a gente pode estabelecer os parâmetros éticos que a gente quer seguir e pra mim é isso nesse empate do mundo como ele se apresenta, eu tendo a querer ficar mais ao lado da tradição (budista), como um movimento de resistência. (DOSHIN, 2022, informação verbal³⁷)

Doshin oferece um ótimo exemplo sobre as pequenas mudanças internas e externas que pontuei diversas vezes neste trabalho de maneira mais ampla e que é justamente isso, quando se faz algo para si e para o mundo junto a um parâmetro ético no qual se escolhe, estudar ou aprender na vida diante do caminho percorrido e suas experiências, é possível obter sentimentos genuínos em relação aos próprios atos, com isso, se sentir menos insatisfeito ao perceber que é possível mudar o micro, para quem sabe um dia, atingir o macro. E com a ajuda da fala da praticante Arío em uma das entrevistas, na qual mostra sua perspectiva em relação a importância de movimentos sociais como a Therigatha na cidade de São Paulo, observa-se que o desejo para o futuro da comunidade é que:

³⁷ Entrevista cedida por um praticante da sanga Therigatha, Doshin, em fevereiro de 2022.

Seja referência em projetos sociais e causas, e que seja referência em São Paulo de mosteiros urbanos, porque provavelmente já é, eu não conheço outro, e eu quero continuar fazendo parte dele até lá, trabalhando pra melhorar claro, podendo contribuir também.

Agregar pessoas e fazer com que elas se sintam pertencentes do budismo e conhecer melhor as práticas e trazer esse pessoal para despertar mesmo né, principalmente em São Paulo que ninguém pára, mas eu vejo como um ótimo exemplo para ter vários deles espalhados por lá e não só um, porque eu vejo que é isso, agregar pessoas e conhecimentos e compartilhar deveres sociais. (ARÍO, 2022, informação verbal³⁸)

Por fim, creio que diante de todas essas entrevistas e escutas atentas, os praticantes deram a voz ou melhor dizendo, as palavras para este trabalho acontecer. Um espaço no qual pode se tornar referência para que haja mais, independente da religião, mas que pense de uma maneira ética, política e humana, no melhor em que podem dar para a vida e como ela sempre retribui. Como já dizia Magnani, “Venham de onde vierem o que buscam é um ponto de aglutinação para a construção e o fortalecimento de laços” (MAGNANI, 2002. p. 22), o *pedaço* termo criado pelo antropólogo, considerado um local onde as pessoas vão para socializar e compartilhar de suas histórias e vida e que se sentem seguras e acolhidas diante das afinidades em comum.

Observou-se, portanto, a oportunidade de abrir uma porta de conhecimento para este ambiente onde há diversas formas de manifestações humanas que englobam não somente as práticas religiosas tradicionais budistas, mas também, o encontro de pessoas distintas em um espaço comum, compartilhando ideias, desejos, sonhos e a vontade da transformação que parte de um único ser referencial, Buda. Esse é o sentimento de Waho Sensei:

Mas esse sonho do mosteiro é real né, o sonho da gente ter esse espaço e abrir para o maior número de pessoas, que ele possa ser inclusivo né, que sai um pouco desse lugar elitista, que a gente vê no caminho do budismo, no zen, ele parece que fecha um pouco entre as pessoas que acabam vindo, e a ideia é, como a gente expande para o maior número de pessoas? A ideia é de abrir a casa para quem vier. (WAHÔ, 2022, informação verbal³⁹)

³⁸ Entrevista cedida por uma praticante da sanga Therigatha, Arío, em janeiro de 2022.

³⁹ Fala da líder espiritual do mosteiro urbano zen Therigatha, monja Wahô sensei, em setembro de 2022.

Com isso, é possível observar, que Wahô, líder da comunidade, compreende questões de classe sociais, e que sabe qual é um dos desafios do mosteiro urbano zen, que é justamente acolher o maior número de seres, mas que diante do parâmetro social paulistano, existem muitas pessoas na qual se interessariam pela proposta da comunidade e do projeto que é construído diariamente por lá, mas devido condições financeiras que não permitem certas formas de se relacionar com a cidade, ou talvez não se sintam pertencentes a espaços como este. Isso acaba por excluir naturalmente uma parcela da população na qual pode acessar, mas diante de tantas causas e circunstâncias não chegam a conhecer o mosteiro ou a frequentá-lo.

Mas isso não anula todo o trabalho que existe dentro da sanga Therigatha, muitos desafios ainda estão por vir e pelo o que pude notar, a comunidade segue flexível e pronta para as adversidades, buscando sempre novas maneiras de adentrar no caminho do meio.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por isso, realizar este trabalho, foi uma tarefa desafiadora pois quando eu comecei a compreender o que era a antropologia no espaço acadêmico, a pandemia tomou força e a universidade foi fechada, me distanciando significativamente do campo de atuação das possíveis áreas e o convívio com os profissionais nos quais eram meus exemplos, me desmotivando imensamente, pois na verdade estava sentindo a depressão coletiva de um mundo em pleno século 21, que preza pelo desenvolvimento material, mas que parou completamente por um simples vírus no ar, o coronavírus e que isso abalou todas as estruturas humanas de toda a população.

E foi nessa oportunidade que percebi que finalizar essa graduação era mais do que importante, afinal, havia deixando tudo e recomecei a vida aqui em Foz do Iguaçu sem olhar para trás e foi aí que decidi fazer este trabalho sobre o mosteiro urbano zen, pois se já estava difícil por diversas questões emocionais, físicas e sociais diante de um caos coletivo, pensei comigo mesma: Terei que escolher um tema que gosto, pois vou ficar muito tempo em contato com ele e terei que ir conviver, praticar, experienciar, para poder escrever a monografia. Por essas razões, escolhi a Therigatha, pois em Julho de 2020 quando fiz minha primeira prática de meditação online via *zoom* com a comunidade, devido os isolamentos sociais para a não contaminação através do vírus, uma chave girou na minha mente e por algum motivo sabia que aquilo iria me ajudar a enfrentar os desafios que estavam por vir e que já estavam causando muito sofrimento no mundo inteiro.

Hoje tenho certeza que nada é por acaso, e escrever este trabalho me ajudou a frequentar mais este espaço, me mostrando o quão significativo são nossos pequenos passos, e considero este aqui, está finalização, uma consequência de ter conhecido a comunidade budista e ao mesmo tempo ter me permitido vivenciar e praticar junto a todas as pessoas ali presentes e que me ajudaram a escrever esta tese e não somente, sei que o mais valioso foi ter aprendido a visão da vida como o budismo ensina, tudo tem começo, meio e fim, e graças a tudo e todos, finalizo este ciclo.

Que este espaço possa se tornar referência para outros estudos na área da antropologia do budismo, pois assuntos relacionados a religião não faltam, mas quando damos ênfase a análise estrutural de sociedades regidas por padrões

culturais e que são distintos àqueles que permeiam o habitual do próprio continente, mas quem chegam novos olhares de se perceber a vida por outra cultura do outro lado do globo terrestre, torna-se importante compreender as formas de se expressar diante das múltiplas possibilidades que nós seres humanos podemos criar.

Por isso a importância deste trabalho e deste espaço para São Paulo e para as pessoas que o frequentem, existindo para resistir em suas maneiras de expressar o zen para aqueles que entram em contato com a comunidade Therigatha e que diante dos desafios da atualidade, se recria diante das mudanças que percorre todas as gerações desde Buda, pois como David N. Gellner antropologia com ênfase no budismo, aponta:

Many anthropologists, sociologists, and historians have shown that once human traditions acquire their own momentum as lived and embodied social practices, they can be turned to many purposes; in every generation they are continually reinterpreted and reworked to new ends. This is so even when there is remarkable continuity. That continuity, where it happens, is what really needs to be explained. (GELLNER, 2017, p. 204)

E o que quero dizer com isso, é que o mosteiro urbano zen Therigatha, na presença de sua tradição oriental budista, se refaz com o que pode diante do que é acessível na cidade de São Paulo nos dias atuais, combinando o caos à paz que podem ser vividos em um mesmo lugar e dando continuidade a tradição Soto Zen escola do mosteiro urbano zen aqui no Brasil e mais específico em São Paulo. Sendo assim, foi possível acompanhar e mostrar como a sanga Therigatha continua existindo e realizando trabalhos nos dias de hoje, junto aos ensinamentos dos ancestrais do darma que permeiam a vida por gerações e gerações, e que um dos propósitos do mosteiro é levar adiante esses ensinamentos, não os deixando se perder no tempo.

E para que este espaço exista atualmente, Wahô sensei contou com o auxílio de muitas pessoas. Sozinha nunca esteve, ajuda sempre buscou, e amigos a incentivaram, pois nada nessa vida, mesmo que pareça, é fácil e se for, talvez não seja a melhor opção.

Por isso diante de diversos desafio, hoje monja Wahô pode ser considerada uma líder espiritual depois de anos na prática zen budista da tradição Soto zen, onde é mestra da religião que admira e que resistiu a diversas adversidades como

em toda construção de um espaço que envolve um projeto coletivo. Sua dedicação abraça o maior número de seres como se pudesse abraçar o mundo, pois ela sabe que no fundo tudo e todos cabem em seu coração, pois abriu suas mãos e confiou que este caminho do budismo que escolheu estava predestinado desde o momento em que abriu seus olhos neste mundo, só precisou sentar em zazen e respirar para saber que a busca havia cessado, e agora o trabalho se iniciaria para a concretização desta ideia, de que é possível através da prática de zazen, olhar a vida com outro ponto de vista, e que desta maneira pode-se então encontrar satisfação naquilo que se faz.

Hoje sua vida está dedicada a ajudar o maior número de seres através de sua confiança no que prática, seguindo os preceitos budistas, acreditando no darma e se entregando e acolhendo na sanga. Sendo assim, monja Wahô resiste por ser mulher, por criar um espaço acolhedor e contribuir com causas humanitárias diversas, passo a passo, sem colocar a carroça em frente aos bois. Firme, centrada e como nunca vi, organizada, segue os preceitos budistas com tamanha flexibilidade como se fosse um bambu, que balança mas não quebra e ensina a quem está ao seu redor, demonstrando que mesmo com toda a responsabilidade de seus saberes, no qual buscou e nunca deixará de procurar, a sua humildade, paciência e calma em relação ao confiar na vida, reflete em seus atos e gestos e faz com que se torne um exemplo de pessoa na qual todos da sanga Therigatha confiam.

Como ela mesmo diz, zazen é escutar o silêncio dentro de si, mas para muitos esse silêncio é incômodo, pois mesmo antes de chegar até este estado de escuta profunda de si mesmo e compreender o silêncio que não é silencioso, pois a mente nunca pára, é preciso praticar incessantemente o zazen. A meta portanto, é acalmar os pensamentos para assim, enxergar que todas as respostas estão dentro de si e que para encontrar a melhor solução para os problemas que rodeiam todos os seres humanos, sentar em zazen é a oportunidade que o budismo dá para, parar respirar e se escutar em profundidade, ou simplesmente observar que a mente está uma loucura e diante disso, compreender as causas de tamanha agitação, ou não, pois são processos e trabalhos mentais que nunca cessam e as vezes são incompreensíveis mesmo.

Sendo assim, Wahô sensei, não tenta vender a ideia do zen, acredita que o zen é diferente do capitalismo e que o mosteiro urbano zen não é consumismo como outras propostas que trabalham com a meditação atualmente. Ele ensina a como ver

a vida na sua pura verdade, sem muitas ilusões, para que assim possa existir compromisso com a realidade que cerca cada ser humano, e tentar encontrar a maneira de beneficiar o maior número de seres a partir de quem você é, socialmente falando no mundo e como se expressa nele, isso não tem preço.

Por isso, com a ajuda de todas as pessoas envolvidas neste trabalho, trouxe trechos das entrevistas, junto a informações importantes que surgiram em rodas de conversa sobre temas variados no mosteiro urbano zen, e que em alguns momentos, apontam partes importantes para comprovar o porquê do mosteiro urbano zen ser considerado importante para a população paulista, e diante das entrevistas foi possível confirmar, que ele é referência para aqueles que o conhecem, como um refúgio no meio da metrópole, e mesmo que a cidade esteja a todo vapor, é possível encontrar paz e pessoas nas quais criam vínculos por entrarem em contato com o budismo, mas não somente, por também compartilharem da vida em comunidade.

Podendo ser considerado também símbolo de resistência na cidade de São Paulo, pelo simples fato de estar existindo, sendo assim, resistindo para que este espaço siga crescendo, e promovendo ações pró a vida de todos os seres, diante das atividades socioculturais que a comunidade realiza na cidade e no próprio mosteiro entre os praticantes e claro, por se tratar de uma mulher que está onde está pois compreender a batalha de ser quem é e a enfrenta até hoje.

Portanto, concluo ressaltando que este espaço é importante para quem o frequenta e para as pessoas que entram em contato com a filosofia zen budista, sendo um local sinônimo de refúgio em meio a São Paulo, onde existe uma família, a sanga, e que seguem os preceitos, as normas do zen budismo em busca de bem-estar e satisfação, pois em meio ao caos de uma cidade grande, é possível se refugiar em um ambiente como o mosteiro urbano zen budista Therigatha, que resiste ao espaço e tempo da grande metrópole paulistana.

Posso assim dizer a partir dessa escrita, que tempo é dinheiro quando se fala da produtividade nas grandes cidades, mas que dinheiro não traz todo tipo de felicidade, por isso, muitas pessoas não possuem tempo para praticar meditação sentada, ou frequentar um mosteiro urbano zen, quando o assunto principal na casa, são as contas a serem pagas no final do mês. E que diante de circunstâncias como essa, as pessoas que possuem privilégios e frequentam a comunidade budista podem alcançar de alguma maneira, junto a prática do zen, o outro lado da moeda

social, pessoas sem privilégios e que vivem realidades diferentes e desiguais. E podem pensar juntos, assuntos como, incluir o maior número de seres no mosteiro urbano e quais são as estratégias para que isso ocorra? Com isso, pude perceber que essa questão sempre será um grande desafio, mas que as portas sempre estarão abertas para o novo e para aquilo que deve ser feito na medida do possível das condições do mosteiro urbano zen. Como exemplo vivo, fui uma das pessoas que pode se refugiar quando não havia muito mais pra onde correr e que recebi todo o acolhimento, desde o cuidado pessoal até o financeiro, quando por exemplo, não podia pagar de forma integral um retiro de 8 dias, mas esse não seria o problema caso eu quisesse de fato estar lá e eu fui.

Por isso as experiências vêm e vão, mas a prática é para sempre, pois como diz, Bernie Glassman, que faz uma analogia ao uso de copos e a nós seres humanos, que diz, se você usar o copo, terá que limpá-lo para utilizar novamente, mas se não usar, também terá que limpá-lo, caso ele fique muito tempo parado e acumule poeira, então, vivendo a vida e suas oportunidades ou não, sempre haverá o que limpar, por isso o zazen e as práticas em sanga.

“Um instante de zazen, uma oportunidade de conhecer a si mesmo, sua mente... toda vida se modifica.” Monja Wahô Sensei.

REFERÊNCIAS

BECK, Charlotte Joko. **Nada de especial vivendo zen**. 1º edição. Editora Saraiva, 1994.

BELLI, Gioconda. **Los portadores de sueños**. Sleepyslaps, 2011.

BREVE história do Zen. Comunidade Zen-Budista Daissen. [S./], [20--]. Disponível em: <https://www.significados.com.br/tudo-sobre-budismo/>. Acesso em: 04 dez. 2022.

BUDISMO: Tudo o que precisa saber sobre o Budismo. **Significados**. [S./], [20--]. Disponível em: <https://www.daissen.org.br/historia-do-zen/#:~:text=Soto%20Zen%20%28Soto-Shu%29%20A%20escola%20Soto%20%C3%A9%20a,Dogen%20Zenji%2C%20tendo%20sido%20denominada%20ent%C3%A3o%20Soto%20Zen..> Acesso em: 04 dez. 2022.

COMUNIDADE budista Soto Zen da América do Sul. **Sotozen.com**. [S./], [20--]. Disponível em: https://www.sotozen.com/por/activity/regional_office/south_america.html. Acesso em: 04 dez. 2022.

CONCEITOS fundamentais. **Templo Zu Lai**. [S./], [20--]. Disponível em: <https://www.templozulai.org.br/cinco-preceitos>. Acesso em: 04 dez. 2022.

GAARDER, Jostein; HELLERN, Victor; NOTAKER, Henry. **O livro das religiões**. Editora Companhia das Letras, 2005.

GELLNER, David N. Afterword: So What Is the Anthropology of Buddhism About?. **Religion and Society**, v. 8, n. 1, p. 203-209, 2017.

GENZ, Antônio Carlos de Madalena. A música silenciosa do Dharma: um estudo antropológico das práticas e representações de uma comunidade zen budista em Porto Alegre. 2005.

GONÇALVES, Ricardo Mário. As flores do dharma desabrocham sob o Cruzeiro do Sul: aspectos dos vários "budismos" no Brasil. **REVISTA USP**, São Paulo, n.67, p. 198-207, setembro/novembro 2005. Disponível em: [https://www.revistas.usp.br/revusp/article/download/13464/15282/16438#:~:text=As%20principais%20escolas%20japonesas%20do,japon%C3%AAs\)%20cujo%20nome%20%C3%A9%20recitado](https://www.revistas.usp.br/revusp/article/download/13464/15282/16438#:~:text=As%20principais%20escolas%20japonesas%20do,japon%C3%AAs)%20cujo%20nome%20%C3%A9%20recitado). Acesso em 01 dez. 2022.

HANH, Thich Nhat. **A arte de sentar**. Editora Agir, 2015.

LEITE, Rogerio Proença. Patrimônio e consumo cultural em cidades enobrecidas. **Sociedade e Cultura**, v. 8, n. 2, p. 79-89, 2005.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Tribos urbanas: metáfora ou categoria?. **Cadernos de Campo (São Paulo-1991)**, v. 2, n. 2, p. 48-51, 1992.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE. **Histórico da pandemia de COVID-19**. [S./], 2020. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>. Acesso em: 04 dez. 2022.

REIKI: O que é, como funciona, símbolos e benefícios. Personare. [S./], [20--]. Disponível em: personare.com.br/conteudo/o-que-e-reiki-m6197. Acesso em: 04 dez. 2022.

RICARDO MÁRIO GONÇALVES - **As flores do dharma desabrocham sob o Cruzeiro do Sul: aspectos dos vários “budismos” no Brasil** - REVISTA USP, São Paulo, n.67, p.198-207, setembro/novembro 2005.

SANTOS, Adalberto Silva. Resistências culturais como estratégias de defesa da identidade. **Encontro de estudos multidisciplinares em cultura**, v. 4, p. 1-18, 2008.

STRATHERN, M. **O efeito etnográfico e outros ensaios**. Tradução Iracema Dulley, Jamille Pinheiro e Luísa Valentini. São Paulo: CosacNaify, 2014.

USARSKI, Frank. O Budismo em São Paulo. **Revista de Estudos da Religião (REVER)**, v. 13, n. 2, p. 83-99, 2013.

USARSKI, Frank. O dharma verde-amarelo mal-sucedido: um esboço da acanhada situação do Budismo. **Estudos avançados**. v. 18, n. 5, 2004. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10037>. Acesso em: 04 dez. 2022.

VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas**. Zahar, 1994.

VERSO de Término do Período de Zazen. **Via Zen**. [S./], [20--]. Disponível em: <https://www.viazen.org.br/versos-e-tratados/verso-de-termino-do-periodo-de-zazen>. Acesso em: 04 dez. 2022.

ZEN e Zazen. **Namu Portal**. [S./], [20--]. Disponível em: <https://namu.com.br/portal/o-que-e/zen-e-zazen/>. Acesso em: 04 dez. 2022.

APÊNDICE A - ENTREVISTA PRÉ-ESTRUTURADA

MANIFESTAÇÕES HUMANAS COLETIVAS - NESTE CASO, QUE ENGLOBALAM A PRÁTICA RELIGIOSA BUDISTA

Por que um grupo de pessoas se reúnem com um propósito em comum, no caso o budismo, e para quê, na cidade de São Paulo?

Termo de compromisso: Esta conversa será gravada, sem fins lucrativos ou comerciais, a entrevista/conversa, será com o intuito de auxiliar a pesquisa acadêmica que faço atualmente com o mosteiro urbano zen Therigatha, e se desejar, não vou expor seu nome e dados, trocando o nome, por exemplo, “entrevistado 1”, e não divulgarei o conteúdo, ficará restrito a mim, para a coleta de dados e análise comparativa das entrevistas, sem julgamento, apenas, buscando achar respostas para a hipótese central do trabalho. Você concorda com esse termo e tem algo a dizer?

Nome/nome budista:

Idade:

Gênero:

Profissão:

Reside:

Tempo de conhecer o budista:

Tempo de prática no mosteiro urbano:

PERGUNTAS:

Para entender um pouco sobre a história de cada indivíduo e como chegou até a Sangha (comunidade budista):

1 - Eu gostaria de saber como você chegou até o mosteiro! Então você poderia contar um fato da sua vida (um ponto de partida, um ponto chave de mudança na sua vida, às vezes até uma crise), que te fez procurar a sangha, ou que alguém te disse e indicou, ou você achou na internet e sentiu de participar devido às circunstâncias?

2 - O que foi exatamente que te ajudou nesse momento? Foram as pessoas, as práticas, o sentimento de pertencimento?

3 - Como você se sente neste espaço/comunidade, nas reuniões, grupos?

4 - Como você segue as práticas/a filosofia do mosteiro urbano diante dos compromissos da vida diária? desapego?

5 - Qual a importância do mosteiro para você? E para os demais, pessoas que te rodeiam, sua família, trabalho?

6 - Você saberia dizer como o mosteiro se mantém?

Observação: Lembrando que o objetivo dessas perguntas abaixo é encontrar temas de resistência ou contradições que as pessoas tentam resolver ou não.

7 - Estou interessada em saber se o estilo de vida dos membros da comunidade pode dificultar a prática do budismo. Como é para você essa busca? mediante ao capitalismo e o desapego?

8 - Qual o futuro você espera para o mosteiro? Você acha que o mosteiro terá uma longa permanência em São Paulo ou você espera que tenha? E por quê?

9 - Você saberia dizer um pouco sobre você, antes e depois de ter entrado em contato com a sanga ou com a prática?

10 - Três palavras para definir a sanga...